

REVENDO ESTEREÓTIPOS: O PAPEL DOS HOMENS

NO TRABALHO DOMÉSTICO

Volume 31
outubro de 2010

PRESIDENTE DE HONRA

Rubens Murillo Marques

A Fundação Carlos Chagas é uma instituição privada sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública nos âmbitos federal, estadual e municipal, dedicada à avaliação de competências cognitivas e profissionais e à pesquisa na área de educação. Fundada em 1964, expandiu rapidamente suas atividades, realizando, em todo o Brasil, exames vestibulares e concursos de seleção de profissionais para entidades privadas e públicas. A partir de 1971, com a criação do Departamento de Pesquisas Educacionais, passa a desenvolver amplo espectro de investigações interdisciplinares, voltadas para a relação da educação com os problemas e perspectivas sociais do país.

DIRETORIA (2010 – 2011)

Fernando Calza de Salles Freire

Diretor Presidente

Glória Maria Santos Pereira Lima

Diretora Vice-Presidente

Ana Maria Oliven

Diretora Secretária Geral

Catharina Maria Wilma Brandi

Diretora Secretária

Ricardo Iglesias

Diretor Tesoureiro Geral

SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO E PESQUISA

Bernardete Angelina Gatti

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

Sandra G. Unbehaum

Créditos

EQUIPE DE PESQUISA

Maria Cristina Aranha Bruschini

Arlene Martinez Ricoldi

ELABORAÇÃO DAS TABELAS

Cristiano Miglioranza Mercado

FINANCIAMENTO

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica

Bolsa Produtividade em Pesquisa

São Paulo, de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2010.

L833m BRUSCHINI, Cristina

Revendendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico / Cristina Bruschini; Arlene Martinez Ricoldi. São Paulo: FCC/DPE, 2010.

74p. (Coleção Textos FCC, 31)

Inclui bibliografia.

ISSN 1984-6002 (impresso)

ISSN 1984-6010 (online)

1. Divisão Sexual do Trabalho 2. Homens 3. Mulheres
4. Masculinidades 5. Relações de Gênero 6. Trabalho Doméstico
I. BRUSCHINI, Cristina II. RICOLDI, Arlene Martinez. III. Título IV.
Série

CDU: 396

DIAGRAMAÇÃO

Meire Blanche Lungaretti

IMPRESSÃO

Gráfica da Fundação Carlos Chagas

ELABORAÇÃO DA FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Ana Maria Poppovic

REVISÃO

Isolina Rodriguez Rodriguez

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1 – Masculinidade, uma nova questão ou uma questão renovada?	7
Capítulo 2 – Metodologia	15
Capítulo 3 – Análise dos Dados/Pesquisa Empírica	17
O conceito de afazeres domésticos	21
A divisão sexual e etária do trabalho doméstico	25
O uso do tempo no trabalho doméstico	31
Estratégias de articulação e políticas sociais	35
Considerações Finais	45
Referências Bibliográficas	47
Bibliografia Consultada	50
Anexo 1 – Roteiro de Perguntas - Grupos Focais	51
Anexo 2 – Tabelas.....	54

Introdução

O interesse por esta pesquisa nasceu de alguns dados levantados em pesquisa anterior, realizada com o apoio do CNPQ¹, na qual foi constatada significativa participação masculina nos afazeres domésticos, embora muito aquém da participação feminina². Dados da PNAD/IBGE de 2002, por nós analisados nessa pesquisa, mostraram que, do total de pessoas investigadas – 140,3 milhões –, 68% responderam afirmativamente à pergunta 121 do questionário da PNAD, “cuidava de afazeres domésticos por ocasião da pesquisa?”, mas quando se calculou a proporção daqueles que realizavam tarefas domésticas dentro de cada grupo sexual, verificou-se que 90% das mulheres, mas 45% dos homens afirmaram cuidar de tais afazeres. Ainda assim, não é desprezível a participação masculina nesta área, uma vez que mais de 30,2 milhões de homens responderam “sim” à pergunta em pauta³.

Outras estatísticas, obtidas em publicações oficiais, também mostraram uma importante adesão masculina ao trabalho doméstico nos últimos anos, ainda que pequena se comparada à feminina. O IBGE (2002), com base em dados das PNADs de 1992 e 1999, por exemplo, apontou significativo incremento da participação dos trabalhadores na realização de afazeres domésticos, passando de 35,8% em 1992 para 51,2% em 1999, enquanto a parcela de mulheres que trabalham e realizam afazeres domésticos concomitantemente manteve-se na casa já bastante elevada dos 90%, no mesmo período (90% em 1992 e 93,6% em 1999). A participação masculina no trabalho doméstico é mais alta – como constatamos na pesquisa anterior, de nossa autoria, já mencionada – quando os homens estão na condição de “desocupados”, em relação à participação daqueles classificados como “ocupados” (58% ante 45%⁴), o que representa uma mudança relevante na atitude masculina, se comparada àquela que foi observada em trabalhos anteriores (BRUSCHINI, 1990 e SEGNINI, 2001, por exemplo). Indicações como essas despertaram nosso interesse pela realização de uma nova pesquisa; desta feita focalizando a participação masculina no trabalho doméstico, no cotidiano familiar e no cuidado com os filhos pequenos. Isto foi feito por intermédio de entrevistas exploratórias, debates com grupos de homens de renda familiar inferior a 5 salários mínimos, pais de filhos pequenos (com menos de 14 anos), por meio da metodologia de grupos focais, bem como de uma análise de dados secundários sobre a participação masculina nos “afazeres domésticos” e o tempo gasto em tais atividades, obtidos nas bases de dados da PNAD/IBGE, de 2002 e 2006. Os resultados desta nova e mais recente pesquisa, também realizada com o apoio do CNPq, é que são apresentados neste trabalho. A

1. Foram publicados, com a síntese do relatório dessa pesquisa, o documento “Articulação Trabalho e Família”, de autoria de Bruschini e Ricolodi (2009), na série Textos FCC (n. 28), editado pela Fundação Carlos Chagas, e o artigo Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda (BRUSCHINI, RICOLDI, 2009).

2. Cf. Bruschini e Ricolodi (2008, tabela 1, p. 123).

3. Cf. Bruschini e Ricolodi (2008, tabela 1, p. 123).

4. Cf. Bruschini e Ricolodi (2008, Tabela 10, p. 132)

bibliografia nacional e internacional sobre masculinidade e paternidade, percorrida no primeiro capítulo, tece um amplo cenário, no qual os dados da pesquisa empírica, apresentados nos capítulos subsequentes, se situam.

Capítulo 1 – Masculinidade, uma nova questão ou uma questão renovada?

Os estudos sobre homens e masculinidades ganharam força, no Brasil, a partir da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, das Nações Unidas, realizada no Cairo, em 1994, na qual foi enfatizada a necessidade de envolver os homens nas questões de saúde, sexualidade e reprodução, que até então diziam respeito somente às mulheres. Foi ressaltada também, nessa Conferência, a necessidade de envolver os homens na vida familiar, com o objetivo de re-equilibrar, em seu interior, as relações de poder, a fim de atingir uma maior igualdade entre os sexos (ARILHA, UNBEHAUM, MEDRADO, 2001). O feminismo e os estudos de gênero, entretanto, já vinham mostrando, desde muito antes, a necessidade de conquistar maior equilíbrio entre homens e mulheres, tanto na “esfera pública” quanto na “esfera privada”, reivindicando que, à maior participação das mulheres no mercado de trabalho, nas organizações políticas e sindicais, deveria corresponder uma maior participação dos homens na vida privada, através de seu comprometimento não só com a vida sexual e reprodutiva do casal, mas também com a criação dos filhos e com a divisão das atividades domésticas. É possível afirmar que o interesse pela masculinidade como objeto de estudo teve origem no movimento feminista desde a década de 1960, e também, posteriormente, nos movimentos gay e lésbico, que passaram a exigir novas reflexões sobre as identidades sexuais, questionando uma masculinidade hegemônica, branca e heterossexual. Ou seja, os estudos sobre os homens e a masculinidade tiveram origem e se desenvolveram na confluência dos estudos feministas e daqueles sobre a homossexualidade. Embora já houvesse desde os anos 1970 estudos sobre masculinidade, estes foram, de certa forma, obscurecidos por aqueles sobre a feminilidade e a condição feminina, que tiveram importância muito maior nesse período. Nos anos 1980 surgiram, principalmente nos países anglo-saxões, estudos sobre a construção social da masculinidade, que têm vínculo explícito com as conquistas do movimento feminista e com o desenvolvimento das reflexões em torno do conceito de gênero. As discussões sobre a construção da masculinidade se ampliam, e os estudos sobre o tema podem ser agrupados em dois blocos de abordagens teóricas e metodológicas:

a) os “aliados” do feminismo, que reconhecem no movimento feminista e nos estudos de gênero a base dos estudos sobre a masculinidade, como Kimmel;

b) os “autônomos”, que admitem os avanços trazidos pelos movimentos de mulheres e os estudos de gênero, mas não reconhecem neles um substrato teórico-metodológico capaz de gerar os estudos sobre a mas-

culinidade. Alguns autores diferenciam, no interior dessa tendência, os seguintes estudos:

- a) os mais “analíticos”, com diversidade de matrizes teóricas (neomarxista, psicanalítica, pós-estruturalista), que se assemelham aos estudos sobre mulheres. Entre esses, destaca-se o livro de Connell (1995), no qual o autor critica, à luz das teorias marxistas e psicanalíticas, a construção de uma masculinidade padrão, considerada normal;
- b) os que pertencem ao movimento de crescimento pessoal ou “mitopoético”, no estilo do livro *Iron John*, de Robert Bly (1990); essa perspectiva procura encontrar, nos arquétipos jungianos, explicações para o modo de agir e pensar dos homens contemporâneos (ARILHA, UNBEHAUM, MEDRADO, 2001, p. 19-20).

Connell, em obra clássica sobre o tema (1995) demonstra preocupação pela forma como o tema da masculinidade ganhou a mídia e os livros populares, os quais ignoram resultados de pesquisa, o que deu margem ao retorno de ideias obsoletas a respeito de diferenças “naturais” entre os sexos e à “verdadeira” masculinidade. Ele coloca sua obra no campo das ciências sociais e dos estudos do gênero, bem como no da pesquisa científica, com fundamentos teóricos e empíricos. Analisa formas de entender a masculinidade, através da psicanálise e da pesquisa social e discute se a masculinidade é um objeto legítimo de conhecimento. Para Kimmel (1987), os novos modelos de papéis masculinos não substituíram os antigos, mas tem crescido paralelamente a estes, criando uma tensão dinâmica entre o provedor ambicioso e o pai misericordioso, entre o macho sedutor e a companhia amorosa. Segundo ele, os homens vêm executando mais trabalho doméstico e ficando mais tempo com as crianças, ainda que a maior parte dessas tarefas ainda fique a cargo das mulheres. Estão adentrando em outras posições e arriscando outros papéis, além de desenvolver um repertório mais amplo de emoções. Seguramente, diz o autor, “nós vivemos em uma era de transição na definição da masculinidade – o que significa ser um novo homem – não como alguns poderiam fantasiar, no qual um modo substitui o outro, mas no qual duas tradições paralelas emergem, e da tensão da oposição entre elas uma nova síntese poderia, talvez, nascer” (Kimmel, 1987, p. 9, tradução nossa). Segundo esse autor, se há mudanças em curso, estas devem ser creditadas em grande medida aos esforços de pelo menos duas décadas (desde 1967) do movimento de mulheres e, a partir de 1969, também ao movimento gay. As feministas acadêmicas têm conseguido colocar gênero no centro do discurso da organização social, resgatando as mulheres da obscuridade. “Tão dramático tem sido este trabalho sobre gênero pelas acadêmicas feministas que hoje poucas universidades não têm cursos de estudos sobre mulheres, poucas editoras acadêmicas não tem séries de estudos sobre mulheres, e poucos cientistas sociais negam a centrali-

dade de gênero como uma variável independente na organização social” (Kimmel, 1987, p.10, tradução nossa). Segundo o mesmo autor, viriam a seguir os estudos sobre homens [*men’s studies*], ainda que não com o mesmo impacto que tiveram os estudos sobre mulheres. Eles respondem a “contextos sociais e intelectuais em mudança, e tentam tratar a masculinidade não como um referente normativo contra o qual padrões são avaliados, mas como um construto social problemático”. Assim como os estudos sobre mulheres revisaram o cânone acadêmico, os estudos sobre homens procuram utilizar esta revisão como base para a exploração da masculinidade. Não procuram superar os primeiros, mas, ao contrário, aumentar e completar o trabalho de redefinição radical de gênero que iniciaram.

Dentro das principais tendências de estudos sobre masculinidade, surgem os estudos sobre a paternidade, como um campo particular de investigação. A participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com as crianças, aparece com o nome de “nova paternidade”.

Na última década e meia, apelos por um maior envolvimento paterno tem se tornado cada vez mais insistentes. Apesar disso, o ritmo das mudanças tem sido lento. Enquanto os homens têm aumentado sua participação no cuidado das crianças e no trabalho doméstico, as mulheres ainda executam a maior parte dessas tarefas; conforme foi constatado por Pleck (1987, p. 83), esse padrão tem persistido na sociedade contemporânea. Em estudo realizado por esse autor, em meio ao aparente apoio ao maior envolvimento paterno, repousa uma ambivalência sobre o que realmente este papel deveria ser, enraizado em um legado histórico da cultura norte-americana das percepções sobre a paternagem. Em revisão histórica sobre o tema, Pleck (1987) relata que as mães coloniais realizavam, como suas assemelhadas de hoje, a maior parte das tarefas de cuidado. Mas os pais tinham maior responsabilidade e influência sobre os filhos do que nos dias atuais. As prescrições parentais eram dirigidas inteiramente a eles, enquanto as responsabilidades das mães raramente eram mencionadas. O pai era visto como a principal fonte dos ensinamentos morais e julgamentos sobre o mundo. Era um pedagogo moral que instruía crianças de ambos os sexos sobre o que Deus e o mundo exigiam deles. Quando os religiosos escreviam sobre paternidade, enfatizavam uma variedade de responsabilidades dos pais. Além da educação moral e religiosa dos pequenos, deveriam ensinar a escrita e a leitura, se fossem alfabetizados.

As noções de “dever” dos pais para com suas crianças, e das crianças para com seus pais, foram centrais para o relacionamento pai-filho. A ênfase do papel paternal estava enraizada na concepção do período sobre as diferenças entre os sexos e sobre a natureza das crianças. Os homens eram pensados como portadores de uma razão superior, o que os fazia menos propensos do que as mulheres a serem levados pelas “paixões” e

“afeições” a que ambos os sexos estavam sujeitos. Crianças eram vistas como inerentemente “pecadoras”, governadas por impulsos poderosos e não conduzidas pelo intelecto. Por causa da fraqueza da razão feminina e da inerente vulnerabilidade das mulheres aos afetos, somente os homens poderiam fornecer a supervisão rigorosa que as crianças necessitavam. Coerente com essas concepções, a legislação, naquele período histórico, designava o direito e a obrigação da custódia infantil para os pais em caso de separação marital.

Algumas descrições das interações reais entre pais e filhos aparecem em diários, cartas e outros documentos pessoais (PLECK, 1987, p. 85), dos quais emerge um panorama de uma paternidade ativa e abrangente, tecida tanto na esfera doméstica quanto na vida produtiva. Os pais eram uma presença visível no cotidiano e parte integrante da atividade rotineira. Essa integração do pai na vida cotidiana derivava, em grande parte, da localização do trabalho, na lavoura, artesanato ou comércio, no contexto familiar, no qual era natural e necessário que as crianças estivessem envolvidas.

Novas concepções do relacionamento entre pais e filhos começam a aparecer durante o século XIX. Uma mudança gradual e consistente em direção a um maior papel para as mães, e um papel mais decrescente e indireto para os pais, é clara e inequívoca. Em contraste com o período anterior, no qual as mães mostravam pouca preocupação em relação a qualquer aspecto da vida de seus filhos após a infância, no período em questão, os documentos indicam que elas estão emocionalmente envolvidas com os filhos, mesmo quando esses já estão na idade adulta.

Com a elevação do papel maternal como tema dominante, alguns observadores expressaram reservas. Um deles, Bronson Alcott escreveu, em 1845, que não podia acreditar que “Deus estabeleceu a relação do pai sem dar a ele nada para fazer” (PLECK, 1987, p. 88).

A maior fonte estrutural de declínio do papel paterno e da crescente influência da mãe foi a emergência dos novos padrões de trabalho dos pais, distantes da família, resultantes da industrialização. A distância geográfica entre o lugar de trabalho e a casa cresceu, assim como decresceu o envolvimento dos pais com seus filhos: “O marido suburbano e pai é quase inteiramente uma instituição dominical” (PLECK, 1987, p. 88). O pai continua a ser o padrão oficial da moralidade e o árbitro final da disciplina familiar, mas o faz em um sentido diferente do anterior: ele se envolve apenas quando a autoridade da mãe falha. Uma consequência potencial dessa autoridade indireta dos pais foi a perda do contato sobre o que estava realmente acontecendo na família. Isto provocou uma lacuna emocional nas crianças, levando-as a desejar um maior envolvimento paterno (PLECK, 1987, p. 89-90).

Para Arilha (2001), embora alguns estudos mostrem que a ideia de ser homem é a de ter muito sexo, liberdade e diversão, uma vez que a se-

xualidade masculina seria algo incontrolável, primitivo, quase instintivo, os depoimentos colhidos em sua pesquisa revelaram que “ser homem”, para os entrevistados, significa a noção de responsabilidade, respeitabilidade e maturidade do homem casado, com filhos, encargos profissionais e provedor de uma família. Para os homens, segundo essa autora, a relação com a reprodução se constrói no contexto social e não em relação ao próprio corpo, como ocorre com as mulheres, que estabelecem contato diário e cotidiano com os mecanismos biológicos associados ao ato de reproduzir. Para isso, eles precisam apenas de uma relação sexual, com ereção e ejaculação. Estabelecem, portanto, com a reprodução, uma experiência muito diversa da das mulheres, embora coloquem o corpo como instrumento de responsabilidade pela manutenção e reprodução da vida. Talvez isto explique porque o reconhecimento da paternidade tem sido um tema tão controverso, ao longo da história, nas sociedades ocidentais. Em estudo sobre essa questão, Thurler (2006), citando a Sociologia da Dominação de Weber, comenta que o reconhecimento da paternidade é uma das principais características do poder patriarcal que é “o poder arbitrário e discricionário de reconhecer ou de recusar filhas e filhos”. A deserção da paternidade, segundo a autora, manifesta a persistência do poder patriarcal; ela lembra que o Código Civil de 1916 estabelecia que “o pai é o marido da mãe” (apud THURLER, 2006, p. 691), interditando qualquer outra forma de paternidade e deixando, portanto, aqueles filhos fora do casamento sujeitos à vontade e ao arbítrio do pai. “Em outras palavras, o casamento, e, por consequência, a família tradicional são preservados como territórios privilegiados de nascimentos, e a igualdade *real* entre todas as crianças mantém-se como horizonte a perseguir” (THURLER, 2006, p. 689). Contudo, lembra ainda a autora, a Constituição de 1988, assim como o novo Código Civil de 2002 aboliram as designações distintivas entre filhos tidos dentro e fora do casamento, tais como legítimo/ilegítimo, natural, adotivo. Porém, as práticas discriminatórias persistiram. Ao longo do século XX e no início do XXI a legislação preservou as principais estruturas sexuadas culturais, políticas e econômicas, pois a desigualdade contida no art. 1.601 do Código de 2002⁵, diferentemente do anterior, estabelece que toda paternidade é igualmente contestável, mesmo no interior do casamento, instituindo e legitimando “a possibilidade de práticas não-igualitárias entre homens e mulheres” (THURLER, 2006, p. 692). Contudo, o advento do exame de DNA na sociedade contemporânea representou um grande avanço. Antes dele, a mulher deveria provar à Justiça ser uma “mulher virtuosa”, empreitada difícil para aquelas que, gerando filhos fora do casamento, já haviam adotado um comportamento em dissidência com a moral vigente. O surgimento do teste de DNA, para a comprovação da paternidade, no final dos anos 1980, tornou possível o deslocamento do julgamento sobre a moralidade da mulher para uma prova científica. No entanto, na opinião da autora, o ônus da prova da paternidade recairia, ainda, pelas

5. “Art. 1.601. Cabe ao marido o direito de contestar a paternidade dos filhos nascidos de sua mulher, sendo tal ação imprescritível” (DINIZ, 2004, p. 1184).

leis brasileiras, sobre as mulheres. Sob esse ponto de vista “multiplica-se a ‘dúvida’ quanto à paternidade e legitima-se o sentimento do ‘direito a uma prova’” (THURLER, 2006, p. 697). Fonseca, nessa mesma direção, chama a atenção para o fato de que o advento do teste de DNA trouxe consigo uma mudança profunda em nossa maneira de pensar a família, as relações de gênero e o parentesco (FONSECA, 2002, p. 269).

Na pesquisa realizada por Arilha, com grupos de homens e de mulheres, foi observado que, no que diz respeito à concepção, uma diferença marcante entre os sexos é que, enquanto as mulheres desejam a maternidade, os homens desejam a família. A busca da família parece ser o que os move, mais do que a busca de um filho, embora a paternidade, na verdade, seja aquilo que demarca, para eles, a passagem da adolescência para a vida adulta (ARILHA, 2001, p. 60-61). No entanto, ter um filho nem sempre significa ter uma relação estável com a mãe do filho, mas implica uma responsabilidade moral e financeira. Arilha (2001) acredita que a entrada na vida adulta, para os homens, significaria ultrapassar três etapas importantes: a saída da família de origem; a entrada na vida profissional; a formação de um casal. No entanto, no mundo contemporâneo tem havido alterações, tanto em função da atividade sexual cada vez mais precoce dos jovens de ambos os sexos, quanto em decorrência das dificuldades de ingresso deles no mercado de trabalho, condições que vem adiando a saída dos jovens da casa paterna e a formação de uma nova família. Mesmo assim, o nascimento de um filho configuraria, para os homens, a passagem da adolescência para a vida adulta, pela responsabilidade que este fato acarreta, em termos morais e econômicos. Entretanto, a ideia do homem que comanda a casa e que é o provedor da família deve ser vista atualmente com uma perspectiva mais modernizada, de que é possível compartilhar as responsabilidades financeiras. Os depoimentos masculinos obtidos por essa autora confirmam a importância de um filho para a passagem dos homens para a vida adulta e responsável (do ponto de vista afetivo, moral e financeiro), a ponto de, muitas vezes, terem que mudar o rumo de suas vidas. Mas os depoimentos revelam também que os homens acreditam que ser pai define-se também por assumir responsabilidades cotidianas com o filho (como dar banho, limpar, alimentar, levar ao médico, orientar nos deveres escolares etc.) e não só pela reprodução biológica em si. Mesmo assim, os homens acreditam que as mulheres é que têm a maior responsabilidade pela contracepção, tendo em vista que uma gravidez pode acontecer sempre e quando elas querem. Quando ocorre uma gravidez indesejada, segundo os entrevistados, existem duas alternativas: assumir ou “sumir”, mas o aborto só é mencionado em casos de estupro ou de anomalias fetais. Como a gravidez não ocorre no corpo do homem, eles têm a opção de se evadir, o que não é viável para a mulher. Porém, a decisão de ter o filho é só da mulher apenas quando ela não conta para o pai da criança que está grávida, uma vez

que esta decisão geralmente é influenciada por ele. Embora os homens venham mostrando muita dificuldade em assumir novos papéis, segundo Arilha, aquele que decide ter o filho assume uma responsabilidade e se torna homem de fato.

Na busca da compreensão do “novo pai” na sociedade ocidental contemporânea, destaca-se o trabalho do psicólogo norte-americano Michael Lamb, que, desde a década de 1980, tem mostrado como esse modelo tem sido um dos elementos-chave na análise das mudanças contemporâneas nas relações parentais. Em texto em co-autoria com Sagi (1983) ele chama a atenção para o fato de que, nas últimas duas décadas, países de todo o mundo ocidental testemunharam mudanças dramáticas nas atitudes sociais a respeito dos papéis de gênero. Afirmações tradicionais que diziam que as mulheres deveriam se dedicar aos papéis de esposas e mães enquanto os homens deveriam assumir a responsabilidade primária pelo provimento econômico da família têm sido largamente reexaminadas. Estimulado pelo Movimento de Liberação Feminina e por pressões econômicas, um número crescente de mulheres tem assumido permanentemente papéis importantes no mercado de trabalho. Ainda que muitas barreiras permaneçam, muitos países industriais aprovaram uma legislação no sentido de assegurar igual emprego e oportunidades iguais para as mulheres⁶.

No Brasil, a produção teórica e política sobre gênero – na qual os estudos sobre a masculinidade e a paternidade floresceram – têm acompanhado o movimento feminista, que aqui se iniciou mais tardiamente do que na Europa e nos EUA. Considera-se que o ponto de partida do movimento feminista brasileiro contemporâneo foi na metade dos anos 1970, com o Ano Internacional da Mulher, comemorado pelas Nações Unidas em 1975, no México. A produção teórica que acompanhou esse movimento, no início, esteve muito atrelada ao marxismo, razão pela qual o tema privilegiado foi o da mulher trabalhadora, enquanto questões como a vida doméstica, os cuidados com as crianças e a relação entre o trabalho e a família não foram consideradas, nesse momento, relevantes. Os homens estavam excluídos dessas discussões ou eram colocados como um contraponto aos estudos sobre as mulheres, ou em discussões sobre a necessidade de um diálogo entre as perspectivas feministas e as deles. É possível afirmar que, no Brasil, o crescimento da militância feminista, o enfrentamento de questões como a maternidade como destino compulsório das mulheres, o crescimento do trabalho extra-doméstico, a dupla jornada e outras – ao mesmo tempo em que havia um intenso diálogo teórico e político com o marxismo – faziam com que as reivindicações se orientassem muito mais para políticas de Estado do que para demandas de transformações no âmbito da esfera privada. Um bom exemplo disso é a intensa luta pela implantação de creches para o cuidado infantil, em contraposição a uma luta muito pequena pelo envolvimento dos pais no cuidado e na educação das crianças, como alternativa à maternidade compulsória.

6. Pode-se citar como marcos internacionais as Convenções da OIT/Organização Internacional do Trabalho, sobre Igualdade de Remuneração para Trabalhadores e Trabalhadoras que realizam trabalho de igual valor (Convenção n. 100) e sobre Discriminação no Emprego e na Ocupação (Convenção n. 111), que amplia o princípio não-discriminatório da primeira, definindo como discriminação qualquer distinção, exclusão ou preferência baseada em raça, cor, sexo, religião, opinião política, nacionalidade ou origem social (BRUSCHINI, RICOLDI, 2008, p. 21-23).

Nos anos 90, ao passar de um feminismo de denúncia da subordinação das mulheres para uma perspectiva de gênero, que postula a análise das relações entre as mulheres e os homens, houve grande avanço, uma vez que se abriu a perspectiva de compreender a dinâmica social que relaciona e hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino. Estavam dadas, portanto, as condições para a inclusão dos homens e dos pais nas pesquisas sobre família, vida cotidiana, produção e reprodução, articulação trabalho e família.

O psicanalista Contardo Calligaris, em uma de suas publicações, pergunta ao leitor “como se poderia, hoje, descrever a família? Como considerar seu relativo declínio, sua fragilidade ou – como se expressa a propaganda política – a perda de seus ‘valores’? Como fatos sociais, relativos, por exemplo, à abertura do mercado de trabalho às mulheres, ao prolongamento do tempo de formação das crianças etc.?” (CALLIGARIS, 1996, p. 6). Para ele, a grande novidade moderna que comanda a transformação da família nos últimos séculos, é que essa instituição não é mais regrada pelas necessidades da comunidade, mas pelo afeto dos seus membros. No mundo contemporâneo, talvez fosse possível afirmar que, apesar da intensa transformação dos papéis masculinos – sobretudo o de provedor e responsável pelo sustento da família –, provocada pela mudança dos papéis femininos, os homens se adaptaram bem à prática de compartilhar a função de provedor com a mulher e mesmo a de dividir com elas as atribuições materna e paterna (CALLIGARIS, 1996). Porém, ressalta ele, os homens ainda sentem que sua virilidade foi atingida se a mulher ganha mais do que ele ou se não tem mais tempo para cuidar dele como a esposa tradicional o fazia⁷.

7. Entrevista concedida à revista
Veja, 3 de junho de 2009, páginas
amarelas, p.17-21.

Capítulo 2 - Metodologia

O levantamento de dados nesta pesquisa seguiu, como na anterior, uma combinação de técnicas quantitativas e qualitativas. No primeiro caso, foram analisadas respostas de homens e de mulheres às perguntas “cuidava de afazeres domésticos na semana anterior à pesquisa” e “quantas horas por semana gastou nos afazeres domésticos na semana anterior à pesquisa”, à aqueles/as que responderam “SIM” à pergunta anterior, com base nos questionários das PNADs/IBGE de 2002 e 2006. As respostas, mantendo o recorte de gênero, foram analisadas segundo variáveis de interesse, como idade, escolaridade, rendimento no trabalho principal, condição na família, condição de ocupação, frequência a creche, média de horas em afazeres domésticos, em ocupações selecionadas e outras. No segundo caso, foram feitas entrevistas exploratórias com pais de crianças pequenas ou mesmo recém-nascidas, indicados segundo a metodologia de “bola de neve”, com o intuito de testar o questionário a ser utilizado como roteiro para os Grupos Focais, cerne da pesquisa, a serem realizados posteriormente. Foram constituídos dois grupos de homens de 20 a 45 anos, com filhos pequenos, menores de 14 anos, renda familiar de, no máximo, 5 salários-mínimos e escolaridade máxima de ensino médio.

Foi levada em consideração a diversidade racial, tendo sido os grupos formados por brancos, pretos e pardos. A questão racial foi também levada em consideração nos dados quantitativos, a partir das categorias adotadas pelo IBGE – indígena, branco, preto/pardo e amarelo. Esses dados não revelaram diferenças relevantes entre brancos e pretos/pardos, tanto em relação aos percentuais de participação masculina no trabalho doméstico, quanto no que se refere ao número de horas dedicadas a essas atividades (vide Tabela 3, Anexo 2).

Os grupos foram compostos por homens casados, separados, solteiros ou viúvos, embora a situação conjugal do participante não tenha sido considerada como característica, no momento do recrutamento. Contudo, merece ser destacada a diversidade de arranjos familiares que se apresentou na composição dos grupos, tais como: jovens solteiros que se tornaram pais “por acaso”, ficaram com a guarda do filho e continuaram morando a família de origem; casados com filhos; separados com filhos (nesse caso, alguns dos filhos moravam com a própria mãe e a família de origem dela, enquanto o pai visitava ou recebia a visita do/s filho/s periodicamente). No caso dos casados, suas esposas ou companheiras necessariamente deveriam ter uma atividade remunerada. Foram realizados dois grupos de 10 participantes, de 20 a 45 anos, um deles composto por

empregados no setor formal, com carteira assinada e jornada integral, de 8 ou mais horas diárias (**Grupo 1**); o outro grupo foi composto por homens desempregados e/ou trabalhadores autônomos ou conta própria, inseridos no setor informal da economia, com jornada de trabalho flexível ou parcial (**Grupo 2**). Os resultados da pesquisa, apresentados no capítulo 3, seguiram os tópicos do questionário/roteiro utilizado, tanto para as entrevistas quanto para os debates: o conceito de afazeres domésticos; a divisão sexual e etária do trabalho doméstico; o uso do tempo na realização dos afazeres domésticos; estratégias de conciliação do trabalho com a família e políticas sociais que contribuem para a conciliação do trabalho com a família, integrando os resultados da análise quantitativa aos dos debates e entrevistas e, na medida do possível, fazendo comparações com os resultados da pesquisa anterior, sobre o mesmo tema, realizada com mulheres.

Capítulo 3 – Análise dos dados/pesquisa empírica

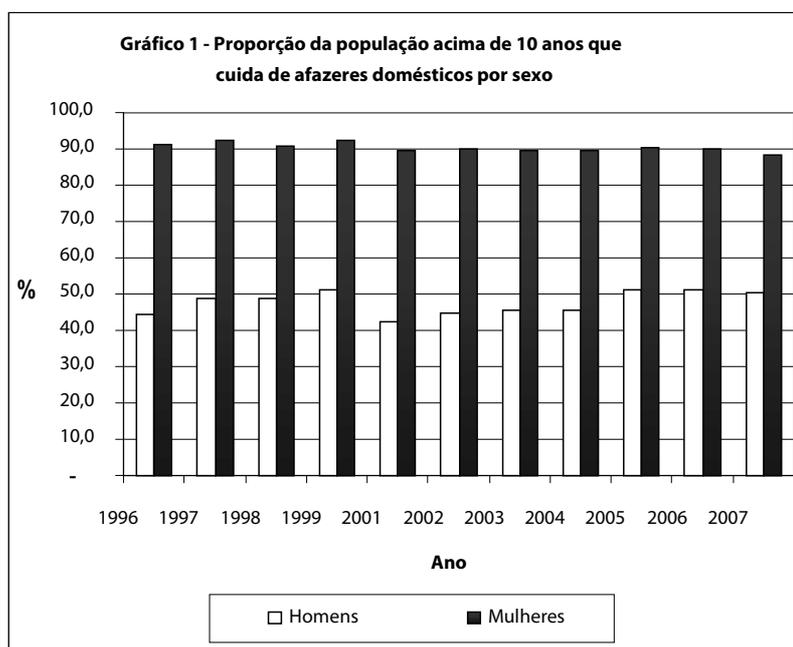
A motivação para a presente pesquisa leva em consideração a inegável mudança na constituição da família e dos papéis de gênero de homens e mulheres. Apesar de permanências históricas como a atribuição, à quase totalidade das mulheres, dos encargos domésticos, não se pode ignorar mudanças no sentido de uma maior participação masculina. Transformações importantes têm tido lugar na família: cresce o número de famílias chefiadas por mulheres sem cônjuges, as mães, mesmo quando os filhos são pequenos (e tenham ou não companheiro no domicílio) ingressam cada vez mais no mercado de trabalho para não mais deixá-lo (BRUSCHINI, LOMBARDI, 2003). Até o final dos anos 1970, a maioria das trabalhadoras era composta de jovens, solteiras e sem filhos, mas elas passaram a ser mais velhas, casadas e mães na década de 1980. Em 2005, a mais alta taxa de atividade feminina, 74%, é encontrada entre mulheres de 30 a 39 anos (BRUSCHINI, 2007, p. 541). As cônjuges foram as mulheres cujas taxas de atividade mais cresceram. Em 2005, mais de 58% delas eram ativas (BRUSCHINI, 2007, p. 542, Tabela 3). As famílias de dupla renda (aquelas em que ambos os cônjuges tem trabalho remunerado) também são, cada vez mais, uma constante. As transformações no mercado de trabalho e as mudanças culturais e comportamentais que tiveram início nas décadas de 1970 e 1980 trouxeram impactos inegáveis na organização da família e do domicílio, no cuidado e na educação das crianças. Nas últimas décadas do século XX, o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais. No primeiro caso, podem ser citados: a queda da taxa de fecundidade, até atingir 2,1 filhos por mulher em 2005 (IBGE, 2006, p. 50); a redução no tamanho das famílias que, em 2005, passaram a ser compostas por apenas 3,2 pessoas, em média, enquanto em 1992 tinham 3,7 (IBGE, 2006, p. 163, gráf. 5.2); o envelhecimento da população com maior expectativa de vida ao nascer para as mulheres (75,5 anos) em relação aos homens (67,9 anos) (IBGE, 2006, p. 26) com a consequente sobre-presença feminina na população idosa; e, finalmente, a tendência demográfica mais significativa, que tem ocorrido desde 1980, que é o crescimento acentuado de arranjos familiares chefiados por mulheres, os quais, em 2005, chegam a 30,6% do total das famílias brasileiras residentes em domicílios particulares (IBGE, 2006, p. 163, gráf. 5.1)⁸.

8. Citado em Bruschini, 2007.

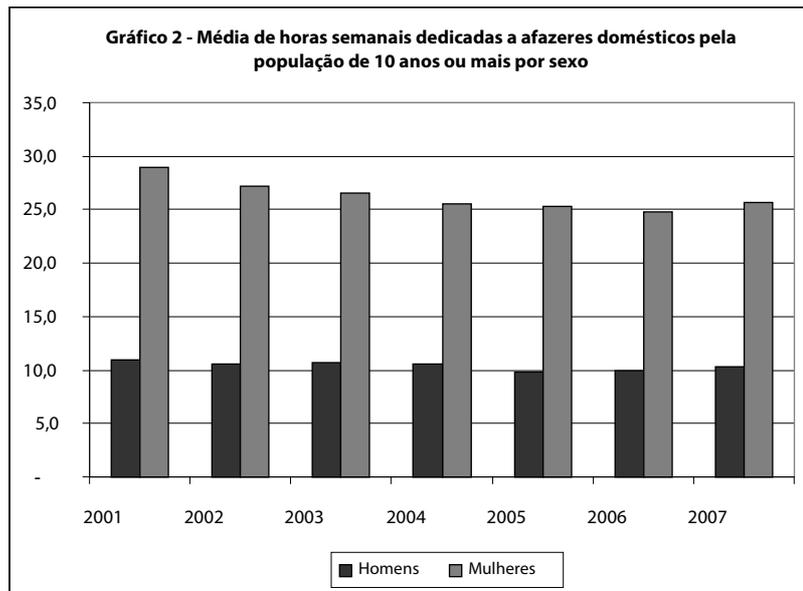
são da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho. Esses fatores explicam não somente o crescimento da atividade feminina, mas também as transformações no perfil da força de trabalho desse sexo.

Entretanto, apesar de todas essas mudanças, muita coisa continua igual: as mulheres permanecem as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas.

Dados recentes sobre a realização de afazeres domésticos, abrangendo um período de 10 anos, foram obtidos em publicação realizada por uma parceria entre o IPEA/Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, a SPM/Secretaria de Políticas para as Mulheres e o UNIFEM/ Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (PINHEIRO et al., 2008). Com base nesses dados, extraídos da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios/PNAD realizada pelo IBGE, elaboramos os gráficos a seguir:



Fonte: PNAD/IBGE (elaborado a partir de tabelas contidas em PINHEIRO et al., 2008).



Fonte: PNAD/IBGE (elaborado a partir de tabelas contidas em PINHEIRO et al., 2008).

Os dados acima se referem às questões sobre afazeres domésticos, aplicadas a todos os respondentes⁹. Para isso, a PNAD/IBGE também adotou uma definição de afazeres domésticos, que vem sendo utilizada desde 1992, que inclui diversas tarefas ligadas ao domicílio e ao cuidado de crianças¹⁰, mas ainda exclui outras, como, por exemplo, o cuidado com idosos e deficientes.

O que se pode observar nos gráficos apresentados é que o nível de participação feminina nos afazeres domésticos apresenta-se constante: em todo o período, mantém-se na faixa dos 90%, com oscilações da ordem de mais ou menos 1% para cima ou para baixo. No caso dos homens, a oscilação é bem maior, variando quase 10 pontos percentuais, entre os valores de 40% e 50%.

O padrão é diferente em relação à média de horas dedicadas a esses afazeres. A média feminina mostra uma queda, ainda que pequena, mas consistente: de 29 horas em 2001 para 25 horas semanais em 2007 (nesse último ano, com uma pequena elevação em relação a 2006). Não é possível afirmar, no entanto, para um período tão curto de tempo, se essa tendência se manterá, nem tampouco as razões que poderiam explicá-la.

Já a média de dedicação masculina mantém-se estável, oscilando pouco, sempre próxima a 10 horas semanais. Esse padrão suscita hipóteses, que poderiam ser testadas em trabalhos futuros, a respeito de uma distribuição mais equilibrada desse tempo de trabalho entre homens e mulheres, caso a tendência de queda no tempo de dedicação delas aos afazeres domésticos venha a persistir. Apesar dessas considerações sobre uma maior participação masculina, fica claro que as tarefas ligadas aos afazeres domésticos ainda são um atributo predominantemente feminino nas famílias, o que foi confirmado na pesquisa qualitativa que realizamos neste projeto, tanto nas entrevistas exploratórias

9. As questões sobre afazeres domésticos são a 121 (na semana de [período de referência anterior à pesquisa]... o/a sr./a cuidava dos afazeres domésticos?), implementada a partir de 1992 e a 121a (quantas horas dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos?), implementada somente a partir de 2001. Para maiores detalhes sobre sua inclusão da PNAD, ver pesquisa anterior (BRUSCHINI, RICOLDI, 2008).

10. A definição abrange as seguintes tarefas: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando ou não aparelhos eletrodomésticos para executar essas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores (IBGE, 1992).

quanto nos grupos focais. Por outro lado, a participação masculina no trabalho doméstico foi uma constante na fala das participantes da nossa pesquisa anterior (BRUSCHINI, RICOLDI, 2008), porém sempre sob a forma da “ajuda”, isto é, a menção frequente da fala das mulheres era: “ele(s) me ajuda(m)” (no caso do marido, mas também dos filhos do sexo masculino), o que indicava pelo menos duas características desse trabalho doméstico: 1) é uma atribuição feminina (portanto, os homens não o encabeçam, mas tão somente “ajudam” a realizá-lo); 2) essa forma “periférica” que a “ajuda” masculina assume significa que essas tarefas estão entre o que sobra para ser feito (quando as mulheres não dão conta) ou o que os homens gostam ou preferem fazer (como constataram Bruschini, 1990 e Sorj, 2004, em suas respectivas pesquisas). Assim, a participação dos homens no trabalho doméstico, quando há mulheres na família disponíveis para executá-lo, consubstancia-se nesse auxílio periférico e não-obrigatório. Nessa mesma pesquisa, ocorreram ainda referências a uma “divisão”: as participantes que diziam “eu divido”, nem sempre queriam mencionar uma divisão equânime de tarefas, mas sim o papel ativo que tinham nessa divisão, isto é, eram elas que definiam quem deveria fazer o quê. Outra característica dessa “divisão” era que frequentemente ela se referia à distribuição entre a própria participante e os filhos, e, nesse caso, a divisão pendia mais para as meninas. Essa definição de tarefas poderia ou não resultar em divisões mais igualitárias de afazeres domésticos, segundo a fala das participantes. Houve também, entre as participantes da pesquisa anterior, arranjos relativamente igualitários, nos quais todas as tarefas eram divididas. Este poderia ser chamado de um “novo modelo”, em que não há um/a responsável pelas tarefas domésticas, que são feitas conforme a necessidade: “ele me via fazendo e ia fazendo junto” ou “eu chegava em casa e a cozinha já estava arrumada”. Porém, eram minoria entre as participantes dos grupos focais femininos e foram encontrados apenas entre as participantes mais jovens (na faixa de 20 a 35 anos).

Nas últimas décadas, esse cenário de transformações tem encaminhado as discussões sobre os afazeres domésticos em outra direção. A ideia de conciliação, ou articulação, como preferimos¹¹ leva em consideração a relação indissociável entre o trabalho remunerado (mais comumente realizado pelos homens e, mais recentemente, também pelas mulheres) e o trabalho reprodutivo desses trabalhadores (que inclui os afazeres domésticos e também o cuidado com os filhos), tradicionalmente realizado pelas mulheres, mas atualmente também com participação masculina. Aspectos como o crescimento de famílias formadas por casais de dupla renda ou duplo ingresso (GORNICK, MEYERS, 2005) e o de famílias monoparentais femininas trouxeram novas questões sobre o problema, a ponto de levar a OIT/Organização Internacional do Trabalho a abrir uma linha programática denominada *Work and Family* (Trabalho e Família), tida como parte indissociável da noção de “Traba-

11. Essa preferência deve-se ao fato de que a noção de conciliação remete muito mais à ideia de apaziguamento de duas esferas conflitivas, no caso, família e trabalho, em lugar da busca de um entrosamento entre ambas. A noção de conciliação, no âmbito internacional, foi construída com ênfase na crescente dupla responsabilidade feminina com o trabalho produtivo e o reprodutivo, mais do que a partir de uma visão global a respeito das responsabilidades familiares de trabalhadores e trabalhadoras, no sentido de articular as demandas do mundo da família e do trabalho. (sobre isso consultar Ricoldi, 2010, Junter-Loiseau, 1999 e Gilson, 2002).

lho Decente” perseguida pela organização. Essa discussão sobre responsabilidades familiares, iniciada nos anos 1960 a partir das trabalhadoras (que crescentemente ingressavam no mercado de trabalho) e depois estendida a homens e mulheres que trabalham, resultou na elaboração da Convenção 156, de 1981. Esse documento contém uma definição de “responsabilidades familiares” e sugere diretrizes para o tratamento da questão da conciliação¹² entre o trabalho e a família. À época da abertura de assinaturas, o ordenamento jurídico brasileiro anterior à Constituição de 1988 considerava o homem o chefe da família, e não previa a igualdade entre homens e mulheres, razão pela qual o Brasil afirmou, à época, que sua legislação interna era incompatível com o conteúdo da Convenção 156. Porém, com a promulgação da Constituição de 1988, seguida pela adoção do Novo Código Civil, em 2002, não mais se colocam esses obstáculos, por isso a possibilidade de assinar a Convenção 156 deveria ser novamente debatida¹³.

Em razão do cenário já delineado, a investigação de novas formas de arranjo familiar e os caminhos encontrados pelas famílias para enfrentar os problemas da articulação trabalho e família são fundamentais para fomentar o debate e futuras proposições de políticas públicas.

O CONCEITO DE AFAZERES DOMÉSTICOS

Partimos, como no trabalho anterior, do pressuposto de que qualquer pesquisa que se debruce sobre o tema da vida familiar cotidiana deve remeter, necessariamente, ao trabalho doméstico. Esse conjunto de atividades, muitas vezes pouco valorizado e sempre associado a uma atribuição feminina, só nas últimas décadas começou a ser percebido com indispensável para o bem-estar da família.

Os estudos sobre o tema revelam a persistência de uma divisão sexual do trabalho, na qual aos homens são destinadas principalmente as atividades de caráter produtivo, geradoras de renda e desenvolvidas no espaço público, enquanto às mulheres cabem as tarefas reprodutivas, entendendo-se por estas os cuidados com o bem-estar físico e emocional dos membros da família (alimentação, limpeza da moradia, vestuário, higiene pessoal, saúde física e mental, cuidados em relação à moradia e à criação e educação dos filhos).

Apesar das mudanças apontadas na literatura e mencionadas na pesquisa anterior pelas mulheres entrevistadas, o tema causou espanto entre os participantes dos grupos focais masculinos. A apresentação aos grupos, pela coordenadora da pesquisa, da questão a ser debatida, foi recebida com caretas e expressões de espanto, como se os participantes sequer entendessem do que se tratava ou não gostassem do tema. No entanto, passado o espanto inicial, os participantes começaram a se manifestar sobre as tarefas que fazem parte, no entender deles, dessa categoria, e sobre seu papel nesse quesito¹⁴. O discurso deles, na maioria das vezes, foi fragmentado, evasivo e cheio de lacunas. Nas falas dos participantes,

12. Termo utilizado no texto da Convenção 156.

13. Para mais informações, ver Bruschini e Riboldi (2008), especialmente o item 1.4, do capítulo I.

14. Vale mencionar que, apesar do espanto e da resistência inicial em debater o tema, os participantes pouco a pouco se entusiasmaram com a discussão, a ponto de exceder o tempo previsto para os grupos focais.

surgiu também a ideia de que o trabalho doméstico é algo que deve ser feito por homens e mulheres, e que “hoje em dia não tem mais diferença”.

Jump e Haas (1987), em trabalho sobre casais em famílias de dupla renda, mencionam diferentes arranjos de divisão de tarefas domésticas, definindo como “igualitários” os casais que dividiam os cuidados a uma razão de 40/60% entre o casal; “transicionais”, aqueles nos quais a participação dos pais ficava entre 20 e 39% e das mães entre 61 e 90%; e os “tradicionais”, em que os pais ficavam com 0 a 19% do cuidado e as mães com 81 a 100%. As transformações dos papéis de gênero e o desconforto causado entre homens e mulheres em relação às mudanças apontadas podem levar a diferentes percepções e opiniões sobre essa divisão. As autoras parecem concordar com isso quando, em sua pesquisa, realizaram uma comparação entre os dados sobre uso do tempo colhidos nas entrevistas que fizeram (nas quais os pais relatavam suas tarefas) e os cadernos de uso do tempo que os participantes preencheram. Os resultados obtidos mostraram diferenças entre as percepções e as práticas dos entrevistados, em relação ao tempo gasto nas diferentes atividades realizadas. A maioria dos entrevistados superestimou o tempo gasto em tarefas denominadas por eles de “desenvolvimento social” (interação social, entretenimento, conversa e disciplinamento) e “necessidades afetivas” (definidas como tarefas associadas às necessidades emocionais da criança, conforto e cuidado) e subestimou o “cuidado físico” (definido como tarefas de trocar fraldas, dar banho, alimentar etc.). A hipótese das autoras é que os participantes ainda não se sentiam confortáveis em assumir tarefas tradicionalmente não-masculinas (JUMP, HAAS, 1987, p. 103). Carvalho Filho, em direção semelhante, afirma que, para entender a “reação masculina frente à emancipação feminina” é necessário “escutar o que os homens *dizem* (e o que não *dizem*)” (2002, p. 140, grifo do original).

O descompasso entre discurso e prática, nesta pesquisa, pode ser ilustrado por meio de um discurso evasivo, que foge do tema, como se nem mesmo o entendessem. Por exemplo, às perguntas “Quais são essas tarefas que vocês fazem?”, “Como é este cuidado?”, seguiram-se outras como: “Nosso ou da esposa?”, ou “De nós, como pais?”, mais do que respostas. Porém, de outro lado, um dos participantes pondera e outros expressam concordância com ele em relação à sua opinião sobre a função paterna de supervisão moral da família:

Acho que nossa tarefa é apoiar de acordo com o que a esposa falou, se estiver certo. Se não estiver certo, nunca repreender ela, na frente dos filhos. Mas chamar num canto. (A., 31 anos, branco, casado, montador câmara frigorífica, 1 filha de 5 anos, grupo 2)

A diferença entre a reação dos homens e das mulheres nos grupos das duas pesquisas foi evidente. No caso delas, quando inqui-

ridas sobre o conceito de afazeres domésticos, as respostas foram imediatas e a definição que emergiu no debate foi ampla, clara, coincidindo com aquela adotada pelo IBGE¹⁵. Para elas, essa definição compreende, basicamente, a tríade casa, filhos e marido, no caso em que este último compunha o arranjo familiar.

No caso dos homens, surgem pelo menos dois aspectos recorrentes sobre a concepção de afazeres domésticos: a “limpeza e arrumação” e o “cuidado com filhos”, incluindo a presença desses últimos no cotidiano dos participantes, os quais, em muitos casos, não moravam com a mãe de seus filhos. Vejamos a seguir algumas falas:

Primeiro, básico, é a limpeza da residência. Ainda mais quando tem criança pequena, cuidados, quando chamam para ir na escola, reunião, essas coisas, época de férias, essas coisas, procurar estar presente. **(A., 25 anos, pardo, separado, op. máquinas, 2 filhos de 3 e 6 anos, grupo 1)**

Levar as crianças na escola... **(A., 33 anos, branco, casado, coord. atendimento seguros, 2 filhos de 12 e 9 anos, grupo 1)**

Uma palavra que é importante, que cabe dentro do trabalho doméstico, que é primordial, é a higiene dentro do lar, ter uma casa limpa, agradável, organizada. Acho que não pra nós, que já somos adultos, mas para as crianças isso é fundamental, importante, a parte de higiene, é bom até para teu filho, porque você já vai condicionando àquele costume diário, de manter tudo limpinho, de saber se cuidar... **(M., 37 anos, pardo, divorciado, segurança, com filhos de 10 e 4 anos, grupo 2)**

Welzer-Lang (2004), citando estudo sobre a concepção de afazeres domésticos, encontrou diferentes concepções entre homens e mulheres, em relação à limpeza e arrumação do espaço doméstico. O autor designou o comportamento masculino de *curativo* e o das mulheres de *preventivo*. Isso porque, em razão da pressão do meio e das normas, as mulheres limpam muito, preocupadas que estão em serem reconhecidas como boas esposas e boas mães: “De algum modo, *quando a casa delas está suja elas estão sujas*” (WELZER-LANG, 2004, p. 115, grifo do original). Entre os homens, aqueles que foram acostumados a fazer trabalho doméstico e não desarrumar muito o domicílio (enquanto suas irmãs aprendiam a limpá-lo) limpam-no apenas quando percebem que a casa está suja. Não são poucas as falas masculinas a esse respeito:

Sempre fica uma coisinha, ali, embaixo do tapete... Mulher sempre é mais... [...] Tem mais capricho. **(J., 33 anos, pardo, casado, mecânico, 3 filhos de 6, 11 e 13 anos, grupo 1)**

15. Para a definição, ver nota n.10

Eu sou da lei do menor esforço. Procura não bagunçar muito, porque não dá trabalho para arrumar. Se não estiver no lugar, coloca. **(S., 41 anos, branco, separado, corretor de imóveis, 2 filhas de 14 anos, grupo 2)**

Alguns depoimentos apontam mudanças, tanto em relação ao trabalho doméstico quanto em relação aos papéis tradicionais de homens e mulheres. O depoimento abaixo é de um participante separado, que tem a guarda de um filho doente. Este exige cuidados constantes e visitas regulares ao médico, o que impede que o pai tenha um trabalho com carteira assinada ou de maior regularidade, vivendo assim de “bicos”:

Acho que em todo trabalho a organização é fundamental. Rende mais, você ganha tempo. Mas trabalho doméstico, se você parar para analisar, também, qualquer coisa, é uma manutenção, pra mim, faz parte. Até se você for fazer um bico na casa dos outros, é um trabalho doméstico. Apesar de que muitos homens, por causa do machismo, não vêem como isso. Mas é um trabalho doméstico. **(J.A., 40 anos, pardo, divorciado, desempregado, 1 filho de 13 anos, grupo 2)**¹⁶

Outras falas revelam o significado da paternidade como a passagem para a vida adulta, isto é, uma maior responsabilização dos homens a partir de sua emancipação como “pais/casados”, pela responsabilidade que este fato acarreta, em termos morais e econômicos, como apontado por Arilha (2001). O depoimento abaixo ilustra como o participante entende essa questão, apesar da pouca idade:

Antigamente, quando era moleque, não fazia nada. Aí fui pagar aluguel, e tive que aprender tudo, fui saber o que é arrumar uma casa, e eu faço. Mais por obrigação, porque eu não quero ficar na casa suja, tem que fazer. **(W., 20 anos, pardo, casado, promotor de vendas, 1 filho de 2 anos, grupo 1)**

No caso do cuidado com os filhos, frequentemente mencionado nas falas, sobressai o papel do pai como provedor e como supervisor moral, – aquele que corrige atitudes e comportamentos e sempre dá a última palavra na educação do filho – mais do que no papel de cuidar fisicamente do/s filho/s, ou seja, dar banho, alimentar etc.

Ele responde mais à mãe, obedece, mas ao mesmo tempo resmungando, chutando as coisas; agora, quando eu já falo com ele, ele me respeita mais. [...] a mãe reclama que ele chega em casa e joga tudo aqui, ali, e eu converso com ele; ela diz que ele ameniza, mas, depois de um tempo, volta de novo, mas, conversar, sou eu. Ela não aguenta, muito falar. **(A., 25 anos, pardo, separado, op. máquinas, 2 filhos de 3 e 6 anos, grupo 1)**

16. Essa noção não é uma constante. Um dos entrevistados, ao contrário do depoimento citado, considera trabalhos de manutenção, como, por exemplo, pintura de paredes, algo “fora do doméstico” (F., 38 anos, branco, casado, motorista particular, 2 filhos, 17 anos e um de 4 meses).

Você tem que impor respeito, ensinar que tem coisas que você tem que dizer não e que tem que respeitar, saber o que pode fazer, não pode... [...] É, e tem coisa que vai colocando na cabeça, não posso fazer, e quando estiver maior vai saber o que é certo e errado. **(G., 30 anos, branco, casado, segurança, 2 filhos de 4 e 2 anos, grupo 1)**

Até fazer ela entender o que é certo ou errado, porque eu acho que a criança, ela não vai escutar, vamos supor, minha esposa fica 24 horas com a minha filha, a criança não vai escutar totalmente minha esposa, vai escutar eu, porque ela me vê menos. Ela tem medo ou respeito. Porque ela convive menos. Se eu estiver errado, minha mulher tem que me corrigir, porque na minha casa eu tenho voz ativa com ela. E minha esposa já não tem muito. [...] Mais forte, com ela. **(A., 31 anos, branco, casado, montador câmara frigorífica, 1 filha de 5 anos, grupo 2)**

Mas isso é natural, os pais serem mais marrudos, serem mais incisivos do que as mães. Entendem-se assim. Mas nem sempre é. **(E., 38 anos, branco, casado, vendedor, 3 filhos de 12, 10 e 5 anos, grupo 2)**

Dentro desse trabalho doméstico, que engloba o geral, eu acho que as mães têm certa dificuldade de dizer não. Porque eu acho que isso é também importante. **(J.A., 40 anos, pardo, divorciado, desempregado, 1 filho de 13 anos, grupo 2)**

Esses depoimentos corroboram as afirmações de Pleck (1987), quando aponta para o papel do pai como a principal fonte dos ensinamentos morais e julgamentos sobre o mundo. Ou seja, somente o pai poderia desempenhar esse papel, em virtude da fraqueza da razão feminina e da inerente vulnerabilidade das mulheres aos afetos. Esse papel era predominante no passado, mas permanece como um traço presente em algumas sociedades contemporâneas.

A DIVISÃO SEXUAL E ETÁRIA DO TRABALHO DOMÉSTICO

O conceito de divisão sexual do trabalho, desenvolvido por Danièle Kergoat, implica dois princípios básicos: a imputação aos homens do trabalho produtivo e às mulheres do trabalho doméstico (ou reprodutivo); e, em segundo lugar, a atribuição de valores desiguais a esses trabalhos; de um lado, a valorização da produção (masculina) em detrimento da reprodução (feminina); de outro, a maior valorização do trabalho produ-

tivo masculino em comparação ao trabalho produtivo feminino. Como afirmam Kergoat e Hirata, revisitando o conceito:

Esse problema do “valor” do trabalho – termo empregado aqui no sentido antropológico e ético, não no sentido econômico – atravessa toda nossa reflexão: ele induz a uma hierarquia social. Valor e princípio de hierarquia, sob aparências múltiplas, permanecem imutáveis: o trabalho de um homem pesa mais do que o trabalho de uma mulher. (KERGOAT, HIRATA, 2003, p. 113)

O ingresso acelerado das mulheres no mercado de trabalho, a partir da metade da década de 1970, e as intensas transformações demográficas ocorridas no interior das famílias brasileiras trouxeram como uma de suas consequências a ruptura do tradicional modelo de divisão sexual do trabalho, no qual caberiam aos homens as atividades produtivas e, às mulheres, as reprodutivas, questões trazidas à tona pelos estudos de gênero. Nesta pesquisa, como na anterior, o tema da divisão sexual no trabalho doméstico foi abordado por meio de perguntas que visavam obter informações sobre “quem faz o que no cotidiano familiar”, em relação aos cuidados com a casa, a família e os filhos¹⁷.

A análise quantitativa mostrou que, em 2006, 51,4% dos homens declararam cuidar de afazeres domésticos, em contraposição a 90% das mulheres (Tabela 1)¹⁸. No mesmo período, enquanto os homens dedicavam, em média, 10 horas semanais a esses afazeres, as mulheres gastavam com eles 24,8 horas. Em relação à idade, foram os homens de 30 a 39 anos os que mais declararam realizar afazeres domésticos (49% em 2002, 56% em 2006). Os homens dessa mesma faixa etária dedicaram 10 horas, em média, a tais afazeres (Tabela 2). Alguns depoimentos mostram que, mais do que apenas “ajudar”, os homens muitas vezes assumem parte das tarefas domésticas, conforme sua competência e sua disponibilidade de tempo em relação ao trabalho produtivo que realizam:

Normalmente, lá em casa, eu que arrumo mais, a comida sempre deixo pra ela fazer, eu sou uma negação na cozinha, como eu chego cedo em casa, eu faço cinco lojas de motos, e posso chegar cedo como posso chegar dez horas da noite, aí eu chego cedo e deixo tudo arrumado. Porque não tem o que fazer... Aí vou fazendo, arrumando louça, uma cama, até passando pano no chão. **(W., 20 anos, pardo, casado, promotor de vendas, 1 filho de 2 anos, grupo 1)**

Mas, por exemplo, lá em casa, sou casado há dois anos, e lá é tudo muito dividido, mesmo. Se eu for deixar tudo por conta da minha esposa, e organizar só tal coisa, não dá muito certo, também, ela cozinha muito bem, tal, só que ela é mais desorganizada que eu. Então a solução encontrada é dividir

17. Algumas perguntas que foram feitas nos grupos: “Quem cuida dessas tarefas na casa de vocês? Vocês e suas companheiras dividem? Os filhos participam? Parentes ajudam? Há alguma preferência na execução dessas tarefas? Existem tarefas domésticas que só você faz? Existe alguma tarefa que você não realiza? E por quê?” (Para maiores detalhes, ver anexo 1, Roteiro de Perguntas – Grupos Focais)

18. Todas as tabelas encontram-se no Anexo 2 deste relatório.

tudo, mas tudo mesmo. Às vezes eu estou lavando, ela está secando, ou vice-versa. Eu adoro cozinhar também, cozinho bem, modéstia à parte, então prefiro fazer comida, só que é dividido, um dia ela cozinha, outro dia eu cozinho [...]. E foi muito de criação, também, porque tanto minha mãe quanto meu pai passaram esses ensinamentos pra mim, e eu odeio ficar dependendo de qualquer pessoa para comer, pra usar uma roupa limpa, passada, e nem sempre tenho condições de pagar alguém para passar. Então, é complicado. Se precisar lavar e passar, eu sei fazer, casa, tudo que tem dentro de uma casa, eu sei fazer, e ensinar a eles. Em relação a isso, não dependo de ninguém, sei fazer, cozinhar um arroz, feijão, uma salada, sei fazer algo mais sofisticado... **(I., 24 anos, preto, casado, desempregado, 1 filho de 4 anos, grupo 2)**

Eu faço tudo isso... [...] Faço direto, só não arrumo mais a cama, porque ensinei [minha filha] a arrumar a cama, e a roupa dela é separada, ela sabe onde colocar roupa suja, mexer na máquina para colocar roupa para lavar, eu faço tudo à noite, chego, ela já tomou banho, fez as coisas delas, e eu faço a comida, tem dia que ela não quer comer... Mas eu faço tudo em casa. Agora que ela está começando a ter tarefas para ela fazer [...]. **(F., 32 anos, pardo, solteiro, motoboy, 1 filha de 10 anos, grupo 1)**

Em casa, ajudo mais à noite [...]. Eu chego 6 horas, e ela não está, e eu tenho que [...]. Às vezes tem cliente, em casa, e tem que fazer, porque ela está ocupada. [...] [fica trabalhando] Até onze horas, às vezes... **(J., 33 anos, pardo, casado, mecânico, 3 filhos de 6, 11 e 13 anos, esposa manicure, trabalha no domicílio, grupo 1)**

Em casa eu sou fácil para acordar cedo, e minha esposa não acorda, de jeito nenhum. Minha menina acorda 5 horas pra ir para escola. Eu que acordo, tiro ela, arrumo ela, mando para a escola e faço café; minha esposa levanta 7 e meia, 8 horas, eu já saí, e quando ela chega dá banho na menina, e fica pronta, eu que faço a janta, e ela só arruma a casa de final de semana. Durante a semana, eu que tomo conta. **(A., 31 anos, branco, casado, montador câmara frigorífica, 1 filha de 5 anos, grupo 2)**

Lá em casa, eu ajudo bastante. Cozinhar, só alguns pratos específicos; estrogonofe, um arrozinho, até eu faço, mas feijão, essas coisas, não sei fazer muito bem. Minha mãe

quem faz. Então, quando meu filho está em casa, ela dá esse suporte, faz a comida, mas eu que lavo, estendo, que dou banho nele. [...] Eu e minha mãe, em casa, eu que tiro o lixo, lavo a louça e arrumo a casa, e sempre achei bacana fazer isso... **(D., 33 anos, branco, solteiro, decorador de eventos, 1 filho de 3 anos, cuja mãe (do filho) trabalha em grande empresa, com bom salário, grupo 2)**

A divisão sexual do trabalho doméstico parece se reproduzir através dos filhos de ambos os sexos. A análise quantitativa revela que, no período analisado (2002-2006), na faixa etária de 10 a 14 anos, 41% dos meninos em 2002, ante 46% em 2006, declararam cuidar de afazeres domésticos. Apesar do aumento, a participação das meninas continua muito superior (77% em 2002 e 78% em 2006). A diferença entre os sexos é igualmente expressiva em relação ao número de horas de dedicação a tais afazeres (12 horas elas e 7,5 horas eles em 2006, Tabela 2). Alguns depoimentos, entretanto, mostram que há certo empenho dos pais em introduzir mudanças no comportamento dos filhos em relação ao trabalho doméstico:

No caso de ensinar, como ele falou, hoje, a minha esposa não queria deixar lavar a louça, eu fui deixando a menina lavar, só que ela gosta de lavar louça, varrer e tudo... Só que ela não sabe varrer. Mas eu deixo. Até que chegou a hora, e a menina queria passar roupa. E eu falei para ela, ela não acreditou. Eu peguei o ferro, esquentei, passei uma camisa, encostei nela, e falei, está quente? Está. Falei, o ferro é pior. E ela desistiu. Ela tinha 5 anos. **(E., 38 anos, branco, casado, vendedor, 3 filhos, 12, 10 e 5 anos, grupo 2).**

Sempre foi minha educação, também, e eu tenho exemplo de um vizinho que não teve essa educação. Pra ele limpar o quarto dele, parece um bicho de sete cabeças. Uma coisa que eu faço num simples piscar de olhos, ele tem dificuldade. Então, por isso, eu tiro como exemplo de ensinar o meu filho a ser mais descolado, fazer, não esperar que façam por ele. Porque, neste caso específico, o cara vai fazer uma comida, a mãe fala, não, sai daqui porque você não sabe. Já tira o cara como se fosse um imbecil. Na verdade não é assim. Tem que ensinar fazer... Você consegue... **(D., 33 anos, branco, solteiro, decorador de eventos, 1 filho de 3 anos, cuja mãe (do filho) trabalha em grande empresa, com bom salário, grupo 2)**

A menina é mais preguiçosa. Você pede alguma coisa, ela deita no sofá, faz que está fazendo, depois sai de lado, não

faz. E meu filho, não, faz isso aqui pro pai, ele vai lá, faz, tudo direito, e fala, pai, terminei, posso jogar videogame? Sempre é uma troca. Ele fala, vou fazer, depois posso jogar videogame? Porque ele só joga de final de semana; de semana não deixo, por conta da escola. Sábado de manhã, estou em casa, peço alguma coisa, sempre é assim, já faz pensando no benefício. **(A. 33 anos, branco, casado, coord. atendimento seguros, 2 filhos de 12 e 9 anos, grupo 1)**

Já dei [tarefas para a filha fazer]. Não é só a cama, não. É a cama, o copo, o Nescau de manhã, ela suja, vai lá e lava. [...] Não é por na pia, não. Ela tinha isso, depois eu lavo, aí ficava, tá bom, e eu lavava. Um dia minha mãe chegou lá, e falou, e aí? E ela tem mais medo do que respeito pela minha mãe. E depois que a minha mãe falou isso pra ela, à noite, hoje de manhã, tomou o Nescau, comeu pãozinho, põe na pia, já passa água, já lava. Está certo que eu vou lavar de novo, agora, a cama dela, ela arruma, ela gosta, ela arruma melhor do que eu arrumo a minha, lençol esticadinho, bonitinho. **(F., 32 anos, pardo, solteiro, motoboy, 1 filha de 10 anos, grupo 1)**

O depoimento a seguir é outro bom exemplo da divisão sexual do trabalho e, nesse caso, mostra o quanto a participação dos homens nos afazeres domésticos está condicionada à sua jornada de trabalho. Os dados para 2006 revelam que os ocupados gastam, em média, 43 horas nas atividades produtivas e 9,3 nas reprodutivas, enquanto com as mulheres na mesma condição (de ocupadas) ocorre precisamente o contrário: elas gastam 37,3 horas em atividades produtivas e 19,7 horas nas atividades reprodutivas (Tabela 16).

[Contar] Historinha, não dá, porque eu pego 8 horas no serviço, moro na Zona Leste, das 8 às 20, chego 10 horas em casa, trabalho aqui na Zona Oeste. Chego em casa e minha filha está dormindo. Dou um beijinho e mais nada. De manhã, acordo cedo, também, não tem como. Doze horas por dia. [...] Fim de semana, eu faço, ajudo a esposa, olho ela, deixo ela um pouco descansada. Segunda a sexta, só ela, então, sábado e domingo, eu saio com a menina, deixo ela livre, isso é bom, refresca um pouco a cabeça dela, porque é tudo pra ela. Eu saio, está dormindo, chego, está dormindo, fica meio esquisito pra ela. De final de semana eu ajudo ela. [...] Quando eu chego à noite, em casa, eu vejo que está alguma coisa desarrumada, em casa, eu vejo que ela está cansada, porque ela trabalha em casa de família, e deixa a menina com minha cunhada. Então, ela chega, fica com a menina, um pouquinho, mas vai dormir cedo, porque ela já está can-

sada. Então, se eu vejo que tem alguma coisa, de manhã, ela já vai ver que está arrumado, lavo louça, passo pano no chão, dou uma enxugada no banheiro, e isso é pra ajudar a gente, eu e ela. (S., 38 anos, pardo, casado, segurança, com filhos de 14 e 9 anos, grupo 1)

A renda e, principalmente, a escolaridade tem efeito sobre a participação de homens e mulheres nos afazeres domésticos. Enquanto as mulheres diminuem sua participação à medida que a escolaridade aumenta, com os homens ocorre o inverso. Entre os que têm 12 anos e mais de estudo, 49% dos homens responderam que cuidam de afazeres domésticos em 2002, e 53% em 2006, cifras superiores às dos totais masculinos, 45% e 51,4%, nas datas respectivas. Já entre as mulheres na faixa de 12 anos ou mais de estudo, 83% afirmaram cuidar de afazeres domésticos em 2006, cifra inferior à média geral feminina de 90%. Note-se, contudo, que o número de horas não sofre alteração, no período, entre os mais escolarizados; note-se também que os que têm menos estudo trabalham maior número de horas semanais – cerca de 12 – do que os que tem mais. Entretanto, em que pese o maior número de horas dedicadas aos afazeres domésticos pelos que têm menos estudo, a desigualdade em relação às mulheres é contundente. Entre os que tem menos de 1 ano de instrução, os homens dedicam 11,5 horas ao trabalho doméstico em 2006, mas as mulheres do mesmo nível quase 29 horas. Entre os mais instruídos (12 anos ou mais), a diferença entre os sexos diminui, pois enquanto os homens dedicam 9 horas, as mulheres dedicam 19 (Tabela 4).

Em relação à renda, tanto a participação quanto o número de horas decresce, entre homens e mulheres, à medida que o rendimento se eleva (Tabela 5). Pesquisas qualitativas mostram que o ingresso financeiro de um e outro cônjuge influencia de forma importante a negociação da divisão do trabalho doméstico (BITTMAN et al., 2003). Além disso, o maior ingresso permite pagar auxílio externo remunerado, como o de uma diarista (Tabela 14), além de adquirir equipamento doméstico mais sofisticado, que poupam o tempo desse trabalho (por exemplo: microondas, máquinas de secar roupas etc.).

P., um dos entrevistados na fase exploratória da pesquisa, tem nível de escolaridade elevado e renda familiar garantida pela esposa que trabalha em banco, em jornada integral. Como, no momento, se encontra desempregado, encarrega-se primordialmente das atividades domésticas e cuidados com o filho pequeno (de 1 ano e três meses).

Às vezes eu uso essa expressão “*Eu não quero ser dono de casa!*”, não acho errado ser dono de casa ou ser dona de casa; às vezes as pessoas fazem essa opção “*Eu quero!*” [...] Não é a minha opção, a minha opção não é ficar em casa, cuidando da casa, não é o que eu quero. Agora é meio circunstancial por conta da própria situação laboral [...] Se fosse... Se em

algum momento tivesse esse tipo de conversa, quem que abriria mão, possivelmente eu abriria mão, porque o ingresso financeiro é maior da parte dela do que da minha parte, pelo menos por enquanto. Então talvez a gente fizesse uma escolha racional, então racionalmente é melhor quem ganha menos ficar em casa, mas não chegou a ter esse tipo de conversa, foi acontecendo. Dava para fazer, no começo foi mais difícil ajeitar isso, horários meus, horários dele (do filho), o meu horário de trabalho, o horário do cuidado, mas agora está mais legal. **(P., 38 anos, branco, casado, desempregado, professor, 1 filho de 1 ano e quatro meses)**

Para P., como pudemos ver acima, assim como para D., integrante de um dos grupos, não faz parte de seus projetos de vida dedicar-se a afazeres domésticos. D. encontra-se em situação semelhante à de P. em relação ao aporte financeiro da mãe do filho:

E quando a mãe dele [do filho] está junto, por ela, como falei, ganhar mais, ela acha que eu tenho obrigação de fazer por ela. Sempre que ela está comigo, eu que faço tudo. Ela fica de mera espectadora, mesmo. E a gente briga por isso. Porque não é porque ela tem um ganho maior que eu sou obrigado a fazer tudo. Vamos dividir. Quando eu ganhar mais, você não vai precisar fazer mais. Por isso, eu ajudo bastante. **(D., 33 anos, branco, solteiro, decorador de eventos, 1 filha de 3 anos, cuja mãe (do filho) trabalha em grande empresa, com salário elevado, grupo 2)**

O USO DO TEMPO NO TRABALHO DOMÉSTICO

As investigações sobre o tempo têm tido papel importante no sentido de desvendar pequenas e fragmentadas atividades que, de outra forma, teriam permanecido invisíveis. Ainda que os estudos de orçamento-tempo sejam limitados em certos aspectos, em determinado momento eles serviram para completar informações e checar discursos, além de contribuir para a visibilidade do trabalho doméstico. O real assunto dos estudos de orçamento-tempo não é o tempo em si mesmo, mas, sim, o uso que as pessoas fazem dele (SZALAI, 1972, p. 1).

No Brasil, estudos que adotaram essa metodologia foram incorporados àqueles sobre o trabalho feminino, nos anos 1970, com o intuito de tornar visível e valorizar a atividade doméstica, assim como outras formas de atividade sem remuneração, desempenhadas sobretudo por mulheres.

Dedecca (2004) chama a atenção para a importância da questão do tempo e para a escassez de informações sobre o tema no Brasil, até a introdução, na PNAD de 2001, de um quesito sobre o tempo gasto em afazeres domésticos.

Se considerarmos o cotidiano exaustivo das participantes dos grupos focais femininos da pesquisa anterior, com pouco ou nenhum tempo livre para lazer ou descanso, veremos a contradição em relação ao discurso masculino sobre o uso do tempo nos afazeres domésticos. Ainda que alguns dos participantes dos grupos se refiram a uma dedicação de 2 a 3 horas diárias a esses afazeres, o que efetivamente sobressai é o seu maior empenho nessas atividades nos finais de semana:

[...] em média 2 ou 3 horas por dia. Senão atrasa... Mas aí, mais é no domingo, que eu fico em casa. Sábado eu trabalho, também. Mas a maioria é no domingo. **(J., 33 anos, pardo, casado, mecânico, 3 filhos de 6, 11 e 13 anos, grupo 1)**

Eu trabalho mais, bastante, em casa, de sábado. Domingo eu saio, vou jogar bola, mas sábado eu fico praticamente o dia todinho... Sábado, quase o dia todo; acordo às 8 horas, começo a fazer almoço, limpar a casa, a mulher se preocupa mais com roupa... **(G., 30 anos, branco, casado, segurança, com 2 filhos de 4 e 2 anos, grupo 1)**

Fim de semana, pra mim, também. Só que a gente tem que ter nosso dia de lazer, também, deixa a esposa e vamos divertir um pouquinho. Senão fica complicado. Sábado e domingo tem que ter alguma coisa pra fazer. **(S., 38 anos, pardo, casado, segurança, com filhos de 14 e 9 anos, grupo 1)**

Eu também, mais no final de semana. De semana [...] janta, alguma coisa assim, mas sábado eu tenho que fazer tudo, limpar, lavar banheiro, ajudo a tirar os móveis, da cozinha, lavar o chão, mais ou menos, perde a manhã toda, umas 5, 6 horas... **(A., 33 anos, branco, casado, coord. atendimento seguros, 2 filhos de 12 e 9 anos, grupo 1)**

Se for a casa, umas 3 horas... Das 6 às 10... 4 horas, sem contar ir buscar na escola, levar para natação, um dia tem natação, no outro tem judô... Sexta-feira estou acordando mais tarde que ela. Temos que limpar a casa, os dois, na sexta, porque no sábado e domingo, agora, hora que sair daqui, ela, ah, está sol, vamos para a praia? Vamos. Está lá arrumando as coisinhas dela. Quando chega, a gente vai para a praia, e volta só no domingo à noite. **(F., 32 anos, pardo, solteiro, motoboy, 1 filha de 10 anos, grupo 1)**

De sábado [...], mas no trabalho, eu não mexo em nada em casa, mas de segunda a sexta, pra ser sincero... Eu mar-

quei aqui, porque fiz algumas coisas, porque eu praticamente chego e ligo o som e faço por fazer, e nunca parei para dizer, eu gastei tantas horas [...] Sábado, quando precisa, tenho que ir na loja, ver produto que vai vencer, essas coisas, mas nem todos os sábados. Geralmente, eu faço, eu vou para casa de minha mãe, e depois eu volto, vou almoçar com os camaradas, porque também não sou de ferro. **(W., 20 anos, pardo, casado, promotor de vendas, 1 filho de 2 anos, grupo 1)**

Depende do que tem que fazer, se estiver com meu filho, é mais trabalho, mais tempo dedicado aí. Mas no dia a dia é mais suave, é pouco menos, já está acostumado, é o lixo, aí, o filtro, encher, coisas básicas, que são fáceis... Eu diria duas horas por dia, e dois dias de faxina, por mês. É. Mais ou menos isso aí, mesmo... E quanto ao meu filho... Não atrapalha tanto, porque é engraçado, porque quando eu tiro o dia ou algumas horas, para fazer algo em casa, comigo é diferente da minha esposa, ela demora mais, ou então deixa de fazer algumas coisas, que eu falo que é preguiça, na realidade, mas ela fala que estou atrapalhando ela. Mas eu faço diferente, eu tenho um quintal enorme, e ele tem uma cachorra, que ele adora, então eu deixo ele no quintal, brincando, e faço o que tenho que fazer. E de vez em quando dou uma olhadinha, porque quando está muito quieto, alguma coisa está errada. Então, o ouvido já está treinado. Quando para de escutar alguma coisa, dou uma olhada. Mas às vezes ele está mexendo em alguma coisinha, nem é grave. Então, acabo fazendo, ajeito a casa, às vezes faço uma comida, faço o que tenho que fazer, com ele dentro de casa, e rápido. Então, isso, pra mim, não interfere em muita coisa. E pra ela já interfere um pouco. Porque ela é preocupada. E eu não. Caiu? Olhei, machucou? Não. Então levanta, está tudo bem, vai passar, e vai brincar, e eu deixo ele livre, no quintal. **(I., 24 anos, preto, casado, desempregado, 1 filho de 4 anos, grupo 2)**

Como não deixo acumular, umas duas horas, duas horas e meia... Mas se minhas filhas vêm para a casa, eu danço, porque elas vão embora, e eu tenho que arrumar a casa, varrer, comeram salgadinho, pediram pizza, aí o trabalho, depois que elas vão embora, é maior. **(S., 41 anos, branco, separado, corretor de imóveis, 2 filhas 14 anos, grupo 2)**

Ultimamente deixo mais para o final de semana, que são os dias, sábado e domingo, ultimamente, tem sido, quando tenho tempo de fazer, me organizar, organizar as coisas no

meu quarto, meu quarto é meu escritório, também, então deixo mais para final de semana, e acredito que devo gastar aí umas duas horas, sou muito perfeccionista; na época em que eu era casado, aí era o dia todo, pegava os finais de semana, e minha esposa trabalhava de final de semana, e eu sou muito chato com esse negócio de limpeza. Eram muitas horas, mesmo, lavar banheiro, tirar tapete, dar uma geral, na casa, eram muitas horas... Sábado é dia de faxina, arrumar cama, passar roupa... Aquela disfarçada que você dava durante a semana, no final de semana, você ia retirar. Gastava muitas horas. Agora, como está mais *light*, me organizo mais nos finais de semana, e gasto umas 2 horinhas, com meu quarto, às vezes ajudando o resto da casa. Mas ultimamente minha parte tem sido semanal, nos finais de semana. E ajudo e colaboro com a minha parte. **(M., 37 anos, pardo, divorciado, segurança, com filhos de 10 e 4 anos, grupo 2)**

O caso de P., um dos entrevistados, é bem diferente. Uma vez que está desempregado e cuida sozinho da casa e do filho ainda bebê, enquanto a esposa trabalha em tempo integral em um banco e garante, com seu alto salário, as despesas da família, alega gastar cerca de 6 horas ou mais por dia nos afazeres domésticos e cuidados com seu filho. E, ao contrário dos depoentes dos grupos focais, reserva os finais de semana para passear com a esposa e o filho e, eventualmente, até comer fora. E é justamente essa renda relativamente mais elevada que possibilita o pagamento de uma diarista uma vez por semana, liberando o sábado e o domingo para o lazer com a esposa e o filho.

Por dia mais ou menos umas seis horas. Às vezes dá um pouquinho mais porque o dia de cozinhar... Eu cozinho bastante e congelo e vou descongelando porções para não ficar cozinhando todo dia. Então arroz, faz arroz para... um tanto, não para durar um dia, dois dias. Então aí envolve um pouco mais de tempo, de cozinhar, mas acho que em torno de umas seis horas. [...] final de semana acaba sendo mais tranquilo, a gente acaba saindo para almoçar. Vai dar um passeio, sai para almoçar, às vezes acaba comendo mais alguma outra coisa na rua, à noite, ou compra alguma coisa mais ou menos pronta, aí vem para casa e esquenta, põe no forno, põe no forno elétrico, às vezes no microondas. Então a coisa é mais tranquila. Como a gente tem a diarista, então a gente não faz trabalho doméstico no final de semana. Mas às vezes no final de semana acaba ficando alguma coisa para fazer, tipo... A gente vai viajar e volta com roupa para lavar. **(P., 38 anos, branco, casado, desempregado, professor, 1 filho de 1 ano e quatro meses)**

Outro entrevistado, F., renda média, que tem um filho crescido e um bebê, e cuja esposa se encontra em licença maternidade, afirma gastar cerca de 2 horas ao dia nas atividades domésticas e um pouco mais no final de semana, embora saiam bastante de casa aos sábados e domingos.

Em duas horas dá para fazer muita coisa. A gente sai muito no final de semana, não ficamos muito em casa. [...] Eu, calculando assim, umas duas horas por dia. Porque na verdade eu estou sempre arrumando uma coisa ou outra. Se você juntar talvez... Aí no final de semana a gente não costuma fazer muito não. **(F., 38 anos, branco, casado, motorista particular, 1 filho de 17 anos e uma filha de 4 meses)**

ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO E POLÍTICAS SOCIAIS

Os depoimentos colhidos em relação a esse tópico mostram que os homens, mais do que as mulheres, procuram manter preservado seu espaço produtivo, principalmente na comparação entre os dois grupos, quando se trata daqueles que têm uma atividade formal, com jornadas mais determinadas e fixas de trabalho. Bruschini e Ridenti (1995) constataram igual comportamento entre profissionais de várias áreas, como arquitetos, marceneiros e outros, que realizavam trabalho por conta própria no domicílio. Os depoimentos colhidos nesta pesquisa são contundentes a esse respeito:

Eu trabalho em banco, e é estressante. Trabalho com porta giratória, o dia todo você fica estressado. [...] Chego em casa cansado, com aquilo na cabeça, é psicológico, nego já está aí com o psicológico em você, te deixar nervoso, pra você xingar ele. Se você não estiver com a cabeça certa, acaba fazendo besteira. Já aconteceu em muitos bancos de o vigilante matar o cliente. Na Vila Sônia, mesmo, o cara foi tentar pegar a arma do vigilante, e ele deu um tiro no peito dele, na hora. Porque é estressante. [...] o trabalho é estressante... [...] o pessoal de casa não tem culpa do que acontece no serviço, e tem que saber dividir serviço e família, tem que ter essa divisão. É complicado você trabalhar 12 horas, chega em casa, você toma banho, relaxa, e de manhã acordar, de novo, você ver o filho dormindo, dar um beijinho e mais nada, por que, como? [...] Moro na Vila Formosa, vou para Zona Oeste, Avenida Sumaré. Olha, dois ônibus todo dia, a empresa não paga metrô nem ônibus, nem integração. **(S., 38 anos, pardo, casado, segurança, com filhos de 14 e 9 anos, grupo 1)**

Se você levar problema da sua casa para o serviço, você não resolve tudo direito. Problema de serviço resolve lá. E de casa resolve quando chegar em casa. É difícil você resolver,

então você atrapalha, nem trabalha nem resolve. Depois do serviço resolve o problema. Nem telefone eu atendo durante o serviço. Eu desligo. Todo dia é novidade, todo dia é risco, tem alguém xingando você, o risco é toda hora, 24 horas, você fica pensando, um dia pode acontecer, amanhã pode acontecer, você não confia em ninguém, na porta... É mais fácil levar problema do serviço pra casa do que o contrário... **(G., 30 anos, branco, casado, segurança, com filhos de 4 e 2 anos, grupo 1)**

Se você misturar a profissão com os problemas de casa, você complica a sua vida. Mas quando chama atenção, o seu chefe, e você leva pra casa, aí complica. Você tem que deixar os serviços lá, e não trazer para casa, e separar os dois... **(J., 33 anos, pardo, casado, mecânico, 3 filhos de 6, 11 e 13 anos, esposa manicure, trabalha no domicílio, grupo 1)**

Uma das estratégias de articulação apontadas pelos participantes do grupo 1, cujas jornadas giram em torno de 8 ou mais horas, é a redução, ou, pelo menos, a flexibilização da jornada de trabalho, o que, segundo eles, facilitaria maior dedicação à família e aos filhos, como ilustram os depoimentos a seguir:

Ah, gostaria [de reduzir a jornada de trabalho]. Iria me facilitar bem. É a oportunidade que não tenho, a facilidade que a gente não tem. [...] Deveria abrir, pelo menos pra gente que trabalha até mais tarde, um supletivo, que facilitaria bem pra mim. E a jornada de trabalho diminuísse, e eu teria mais tempo de ficar com minha filha. **(S., 38 anos, pardo, casado, segurança, com filhos de 14 e 9 anos, grupo 1)**

Eu entro umas 7 da manhã e saio às 4 da tarde; chego em casa umas 5 horas, e consigo passar um pouco mais de tempo com meus filhos... Então ainda tenho um pouco de tempo pra ficar... Meu filho chega da escola às seis, e não é tão apertado. Eu saio cedo, meu filho está dormindo, e minha filha acordando para ir para a escola. Quando eu chego ainda estão acordados, e ainda dá pra passar umas 4, 5 horas... Já passo um momento com eles, e de final de semana é deles, é sábado e domingo deles. Até para agradar, de quarta-feira eu chego em casa à tarde cedo... **(A., 33 anos, branco, casado, coord. atendimento seguros, 2 filhos de 12 e 9 anos, grupo 1)**

Os depoimentos também mostram que, enquanto suas companheiras cuidam das estratégias mais “cotidianas” de articulação (vinculadas

à esfera doméstica ou privada), tais como deixar as crianças com a mãe, a vizinha ou a cunhada, procurar vaga na creche e outras, a preocupação deles volta-se mais para estratégias que se relacionam ao mundo do trabalho, envolvendo as empresas nas quais trabalham, como a flexibilização da jornada. Em contraposição ao grupo composto por homens que trabalham com vínculo formal e em tempo integral, alguns depoimentos sobre o mesmo tema, entre os desempregados e os autônomos, com horários mais flexíveis, demonstram maior envolvimento com as responsabilidades familiares, em especial os filhos:

Se eu pudesse, ele [o filho] jamais iria sozinho [para escola]. Quando estou em casa, eu vou com ele. Minhas filhas, atualmente, minha ex-mulher que leva e busca; como ela trabalha como autônoma, está em casa, ela conseguiu conciliar os horários. E este ano melhorou, porque as duas estão no mesmo horário, as duas na parte da manhã, e teve um período, ano passado, em que eu trabalhei como motorista da Fundação [nome], tinha dias que dava para sair mais cedo, e duas, três vezes, por semana, pelo menos, eu ia buscar a mais velha, que estava estudando no período da tarde. Eu sempre que podia estava presente na escola, até mesmo para você ver o ambiente em volta, e ao mesmo tempo o pessoal ver o pai e mãe sempre presentes, ali. Eu acho que é importante, assim, infelizmente... a gente gostaria de estar 24 horas por dia com nossos filhos, mas não dá. **(M., 37 anos, pardo, divorciado, segurança, com filhos de 10 e 4 anos, grupo 2)**

Eu adoro ficar com o H., adoro cuidar dele, eu curto sair com ele pra feira, ir pra feira com ele é muito engraçado, porque as pessoas olham com estranheza e pra mim é super comum, desde quando ele era bem menor, já era assim. Até quando eu estava passando, algumas vezes que eu andei reparando nas placas de fila preferencial, por exemplo, na maior parte fala “Mulheres com crianças no colo...”, não são pessoas com crianças, são mulheres com crianças, os homens estão sempre fora disso, só entram quando são idosos. **(P., 38 anos, branco, casado, desempregado, professor, 1 filho de 1 ano e quatro meses)**

Embora muitos homens estejam sensibilizados para maior dedicação à família e aos filhos, as empresas e as políticas parecem não se dar conta dessa transformação em curso:

Sempre tem [problema] com homem, eu acho que mesmo as empresas que são boas, pelo menos eu, particularmente, nas últimas duas que trabalhei, minha esposa teve que fazer um trabalho, e eu falei: “preciso ir na reunião do meu

filho, posso chegar, até falei com a professora, vou até a reunião, para ela me explicar, e tal”, eu falei, “vou chegar duas horas atrasado.” Me falaram: “cadê sua esposa?” É um absurdo, isso aí. Na [empresa], uma vez, meu filho estava passando mal, e me ligaram, e avisaram, eu cheguei no meu supervisor e falei: “preciso ir, porque meu filho está passando mal, tenho que ir no hospital. Posso sair?” – “Logo agora? Tem uma fila de vinte, meu!” – “Fabiano, meu filho está passando mal.” – “Caramba, lá em casa é assim também, qualquer coisa que acontece, me chamam.” Falei: “meu filho, Fabiano, eu tenho que ir. Falta só uma hora...” [...] Às vezes [o bem-estar da família] é mais importante do que dinheiro. [...] Às vezes não está num dia legal, está faltando alguma coisa, às vezes você discutiu, então só uma conversa, você saber que seu superior está preocupado com você, como está a família, está precisando de alguma coisa, vamos ver no que pode te ajudar.[...] Minha família em primeiro lugar. **(I., 24 anos, preto, casado, desempregado, 1 filho de 4 anos, grupo 2)**

Eles (os patrões) colocam como se o homem não tem que cuidar dos filhos. **(S., 26 anos, preto, separado, músico, 2 filhos de 6 e 4 anos, grupo 2)**

Mas, sinceramente, se eu fosse um empresário, por tudo que eu já passei, acredito eu que o relacionamento familiar é muito importante dentro de uma empresa. E as empresas, elas precisavam olhar mais o lado da mulher. Porque muitas vezes ela não pode trabalhar para ajudar o marido, porque ela não consegue vaga na creche, então ela tem que ficar com o filho [...]. Algumas empresas já têm a própria creche. Mas acho que também falta o governo fazer uma parceria com essas empresas, para facilitar para elas, com projetos, ver o lado social, dar desconto no imposto para empresa que fizer isso... **(J. A., 40 anos, pardo, divorciado, desempregado, 1 filho de 13 anos, grupo 2)**

Eu vejo assim, que já está caminhando para essa mudança. Antes, as empresas não tinham departamento de RH, que são os Recursos Humanos, era administrado só como pessoal, parte de pagamento, a parte financeira da empresa, com relação aos funcionários. Hoje a criação dos RHs estão voltados um pouco pra isso, embora ainda estão fechadas, visando só a empresa, não está visando o pessoal. A empresa [...] valoriza o pessoal, está preocupada com a família, com a saúde, com benefício para essas pessoas. Ela está trabalhando num depar-

tamento adequado? O ambiente em que ela está trabalhando é legal? Tem ar condicionado, não tem ar condicionado? Será que ela se dá bem com ar condicionado? Olha, aquela pessoa não é boa para ficar nessa sala, vamos mudar ela de sala, se tem outra sala. Assim, o RH, ele tem que estar mais voltado na atividade que ela foi incluída para fazer, do que ficar pensando simplesmente na empresa. Ela tem que fazer valer a realidade do que é o RH, que é recursos humanos, cuidar dos recursos humanos da empresa. O que é humano? É quem está trabalhando, prestando serviço. São 20 famílias, ali? Não é só receber o dinheiro, só o benefício. Está começando a caminhar. Mas ainda falta muito. **(E., 38 anos, branco, casado, vendedor, 3 filhos de 12, 10 e 5 anos, grupo 2)**

São poucas as empresas que se mostram mais sensíveis aos problemas familiares de seus empregados, sejam eles homens ou mulheres. Os depoimentos abaixo revelam algumas empresas exemplares:

[...] já precisou de eu ter que levar [médico], aí eu peço para o [chefe] e ele deixa... aqui eu nunca tive problema. O [chefe] fala: “Tudo bem, traz o atestado aí!”. Eu nunca tive problema, aí eu vou lá e ajudo a levar, quando ela estava trabalhando e tinha uma vizinha que a gente pagava para olhar as crianças, porque uma ia de manhã para a creche e a outra ia à tarde. **(M., gráfico, de empresa privada de porte médio, pardo, casado, 3 filhas pequenas)**

Trabalhei um ano e oito meses na [empresa], e na época eles ajudavam, tinha auxílio-escola, e era 180 reais, só que depois eu acabei saindo, justamente por [excesso de] falta, por estar andando com ele [o filho, que tem graves problemas de saúde]. Mas eu acho que nas empresas que trabalhei, antes, nenhuma nunca ajudou com nada. **(J. A., 40 anos, pardo, divorciado, desempregado, 1 filho de 13 anos, grupo 2)**

Quando meu primeiro filho nasceu, eu trabalhava na [empresa do ramo moveleiro], era supervisor de vendas, e lá eles tinham benefícios familiares fantásticos, tive 30% de desconto em todos os móveis, no quarto da criança, tive um salário de 50% ou mais, para auxílio, foi muito legal aquilo, e em todos aniversários das crianças, eles davam presentes. E no começo das aulas, eles davam mochilas com material escolar, camiseta, tênis, aí faziam relação com a idade. **(E., 38 anos, branco, casado, vendedor, 3 filhos de 12, 10 e 5 anos, grupo 2)**

Entre as políticas públicas que favorecem a articulação do trabalho produtivo com a família e, principalmente, com os filhos pequenos¹⁹, destaca-se a creche. Segundo dados da PNAD/IBGE 2006 apenas 15,5% das crianças de 0 a 3 anos frequentam creche nessa data, das quais 58% em creches públicas. Quarenta e três por cento das crianças de até seis anos de idade frequentam creche ou pré-escola²⁰ na mesma data (Tabela 10).

As creches, segundo vários participantes, são importantes estratégias para as mães que trabalham. Suas opiniões sobre essa instituição são variadas. Alguns mencionam que a creche pública é excelente, não deixando nada a dever às escolinhas particulares; outros são contra o horário integral, por achar que cansa muito a criança, sem levar em conta a importância desse horário para as mães que trabalham, mostrando um certo distanciamento com esse tema, que ficaria quase que inteiramente a cargo das mães e das outras mulheres da família:

O meu filho que vai fazer 3 [anos], no caso, fica em escolinha, a mãe dele paga particular, porque está correndo atrás, mas não está conseguindo vaga na creche pública. Está para sair, mas ainda não foi chamada. [...] Lá onde minha mãe mora, em [cidade do interior de São Paulo], já é [...] coisa de primeiro mundo. Meus sobrinhos, lá, têm creche das 7 às 7 da noite. [...] Tem, bastante, lá, minhas tias todas trabalham, lá, e usam... Basta levar comprovante de trabalho, e também têm muitas que gostam de colocar o filho para depois ir assistir televisão, e não trabalham [...] Mas hoje em dia, 12 horas, tanto tempo dentro de um local, por mais que elas gostem de brincar, é complicado. Aí, uma coisa de meio período, é melhor... **(A., 25 anos, pardo, separado, op. máquinhas, 2 filhos de 3 e 6 anos, grupo 1)**

19. O tema foi abordado por meio de perguntas, tais como: "A empresa na qual trabalha tem creche ou paga auxílio-creche? Recorrem a algum outro tipo de serviço (ONG, igreja, clube de mães)? Vocês recebem alguma ajuda do governo, através de programas sociais (Bolsa-Família; Leve-leite, etc.)? Já ouviram falar? Já procuraram se informar a respeito? O que você acha que poderia facilitar a participação dos pais no cuidado com as crianças e a família em geral (empresas, governo etc.)?" (ver Roteiro de Perguntas, anexo 1).

20. Embora, como afirmam Kappel, Carvalho e Kramer (2001, p. 35-36), existam vários critérios para definir as modalidades de educação infantil, as definições contidas no artigo 30 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) são as seguintes: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Minha mãe é professora, lecionou a vida inteira, e se aposentou e passou a coordenar uma creche. Mas mesmo assim, meu filho acabou não indo nessa creche. Eu fui a favor de ir, porque minha mãe estava ali, tudo do bom e do melhor, mas a mãe do meu filho não quis, preferiu a escola particular, que não deixa de ser boa, mas é aquela "maquiagem" também, e o preço é absurdo, de faculdade, mesmo. **(D., 33 anos, branco, solteiro, decorador de eventos, 1 filho de 3 anos, cuja mãe (do filho) trabalha em grande empresa, com salário elevado, grupo 2)**

Outro depoimento, contudo, denota certa mudança de comportamento e o envolvimento maior do pai com o cotidiano dos filhos pequenos e com a creche da filha, revelando como a estrutura e o funcionamento das creches afetam também a vida profissional dos pais:

A minha filha mais velha e a mais nova usaram [creche]. Eu tive um probleminha com a primeira (creche) que a minha filha mais velha usou [...], mas consegui resolver na base do diálogo, assim, você levava a menina para a creche, aí, chegava, dava onze horas da manhã, e falavam: “olha, pai, vem buscar a sua filha, que não está bem.” Porque a menina chorou um pouquinho a mais, teve uma febrezinha, eu fiquei chateado [...], porque não teve um pronto-atendimento. Então, teve uma vez que minha ex-mulher me ligou chorando, ela trabalhava na zona norte, eu sempre trabalhei para os lados da zona sul e falou, está acontecendo assim, assim, e assim. Eu falei: pode deixar, eu vou sair daqui, e agora vou resolver. Porque isso aconteceu 3 semanas seguidas, de ficarem ligando, vem buscar a sua filha, porque ela não está bem, é uma febre, uma dor não sei onde... Cheguei na creche, sentei lá com a diretora, “escuta... a senhora não leve a mal, mas é o seguinte, vocês ligam quase todo santo dia... Eu trago a menina, ela está bem, eu que trago ela de manhã, ela está bem, não está chorando, não está com dor, e não está com febre. Passa duas, três horas, vocês ligam para mim, para minha esposa, pra vir buscar, porque a menina está doente. Não tem um primeiro atendimento? Quer dizer, vocês vão esperar o pai e a mãe chegar aqui, para prestar socorro para a criança? Se realmente chegar num caso gravíssimo, vocês não têm ninguém para atender, um remédio para dar um primeiro atendimento?” Me desgastei um pouco com isso, na creche da minha filha mais velha. Porque eu trabalho na zona norte, a mãe na zona sul, os dois não podem ficar largando o trabalho pra vir buscar ela, pra eu levar no médico. Eu falei, ela está com uma febre, vamos verificar o que é, o maior interesse é meu, que sou pai. [...] Em compensação, quando eu fui morar na zona norte, uma creche que é referência, eu indico pra todo mundo, ali próximo da estação Santana do Metrô [...] uma creche pública excelente, que eu ia lá todo dia, dar os parabéns para a diretoria, para as tias, porque eles dão atividades, dá de 10 a 0 em muita escolinha particular. **(M., 37 anos, pardo, divorciado, segurança, com filhos de 10 e 4 anos, grupo 2)**

Se, por um lado, alguns dos participantes percebem as creches como instrumento eficiente de apoio ao cuidado com os filhos pequenos, principalmente se as mães deles trabalham, por outro, alguns manifestam certo preconceito com relação às mães que fazem uso delas, não trabalham e, na opinião deles, ficam com o tempo “livre”, o que indica um certo desconhecimento masculino dos inúmeros detalhes contidos nas

atividades diária de uma dona-de-casa. Manifestam opinião semelhante quando mencionam políticas como o CEU/Centro Educacional Unificado²¹, nas quais as crianças permanecem em tempo integral, estudam e tem atividades culturais, de esportes e lazer.

[tem mãe] que encosta a barriga lá, fica deitada, e põe os filhos lá pro CEU. Verdade. É... Minha vizinha fica o dia inteiro sem fazer nada, e o moleque dela está lá. E ele gosta mais de ficar lá do que ficar em casa. [...] Tem tudo. O filho passa 12 horas dentro da escola, e a mãe em casa... **(F., 32 anos, pardo, solteiro, motoboy, 1 filha de 10 anos, grupo 1)**

Ao que outro participante retruca:

É judiação. **(M., 37 anos, pardo, separado, superv. de autoatendimento, 1 filho de 5 anos, grupo 1)**

A Constituição de 1988 ampliou os direitos sociais dos trabalhadores de ambos os sexos, como pode ser constatado pela leitura de seu artigo 7º. “Dos direitos sociais”. Em resposta à demanda de grupos feministas, um dos novos direitos introduzidos foi a licença paternidade²².

Um projeto inovador, implantado em 2008, em uma empresa privada sem fins lucrativos, ampliou a licença-paternidade de seus funcionários para 30 dias após os 5 dias previstos na lei, porém em regime de meio-período. Vejamos algumas opiniões dos participantes dos grupos e de um dos entrevistados sobre essa iniciativa:

Com certeza foi boa (a licença de meio período), porque eu pude me aproximar muito mais de neném, das minhas outras filhas também [...]. Então quando a E. nasceu, que foi a primeira, praticamente eu não tive contato com ela, os primeiros seis, sete meses que é a fase mais gostosa da criança, eu não tive o contato. [...] Eu acho que é suficiente (meio período por um mês). Eu estava analisando e até comentei com um rapaz da gráfica que ele teve filho antes que eu e ele não teve a oportunidade de ter a licença... Porque é assim, [...] que de repente se eles derem um mês direto para pessoa acaba acontecendo o quê? Você vai acabar acordando mais tarde [...] Vai acabar descansando mais do que ajudando a mulher a cuidar da criança e do dia a dia do lar. Então conforme eu chegava lá e era o tempo certinho de eu dar um auxílio para ela, cuidar da casa, dar banho nas crianças. Às vezes chegava e dava até tempo de buscar na creche [...]. **(M., gráfico, de empresa privada de porte médio, pardo, casado, 3 filhas pequenas, entrevista)**

[...] 5 dias, mais meio período durante um mês? [...] Adiantava bem. [...] É hora que você precisa. [...] Eu ajudei

21. São escolas de educação em regime integral, com equipamentos (piscinas, teatro) e currículos diferenciados (com aulas de música e teatro, por exemplo), implantadas em vários bairros da capital paulista, a partir da gestão da prefeita Marta Suplicy (2001-2004).

22. A licença-paternidade consta do artigo 7º, inciso XIX da Constituição Federal sem definição de sua extensão. Seu período foi definido no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, art. 10, § 1º: “Até que a lei venha a disciplinar o disposto no art. 7º, XIX, da Constituição, o prazo da licença-paternidade a que se refere o inciso é de cinco dias.”

muito, porque eu saía para trabalhar, de manhã, e ficava lá, antes de ir, chegava à noite, passava, ficava, ficava, ia embora para casa. No outro dia, a mesma coisa. Então, participei bastante. **(F., 32 anos, pardo, solteiro, motoboy, 1 filha de 10 anos, grupo 1)**

A mulher fica muito mais debilitada... No caso, eu acredito que precisa muito mais que 5 dias... Aqueles que têm sorte de ter a mãe [ou seja, uma das avós da criança] perto, tudo bem... **(A., 25 anos, pardo, separado, op. máquinas, 2 filhos de 3 e 6 anos, grupo 1)**

Além da licença-paternidade e do acesso a creches como políticas sociais prioritárias apontadas pelos participantes dos grupos, outros exemplos de apoio à articulação família e trabalho foram citados por eles. Em primeiro lugar, mencionam iniciativas que procuram preencher o tempo entre o final do horário da escola e a chegada dos pais do trabalho:

Ela (a mãe do filho) também leva... Não deixa de ser uma ONG, da Igreja... [...] É de segunda, quarta e sexta... [...] Acho que é das 4 às 6, algo assim. [...] [faz] Esportes, desenho, tem pedagogas, que dão auxílio, é uma fundação. E minha irmã faz parte dessa igreja, e conseguiu, e já ajuda a criança... [...] É, e o horário é livre, você pode pegar a hora que quiser, e fica brincando... **(M., 37 anos, pardo, separado, superv. de autoatendimento, 1 filho de 5 anos, grupo 1)**

Outras políticas públicas foram espontaneamente mencionadas pelos participantes quando esse tema foi abordado.

Minha esposa recebe Bolsa-Família, já ajuda. [...] Leve Leite... Recebe leite, porque vem da escola. Governo está dando, não muito, mas ajuda... **(S., 38 anos, pardo, casado, segurança, com filhos de 14 e 9 anos, grupo 1)**

Ela (a mãe do filho) queria ter corrido atrás, não sabe nem se tem mais ainda, aquele negócio de vai e volta, e onde minha sogra mora tem direito, as peruas, mas não vi mais... Porque pagar perua escolar é meio crítico... Só pra trazer embora, 100 contos por mês... [...] Só pra trazer, no caso. Levar, eu levo ele. Mas depois, na saída... Tentei até ver... É muito corrido, almoço, levar, e depois almoçar... **(A., 25 anos, pardo, separado, op. máquinas, 2 filhos de 3 e 6 anos, grupo 1)**

Trabalhei na [empresa], e auxílio creche era só para mulheres. [...] E auxílio família²³, era uma coisa impressionante, não sei, mas acho que eram 12 reais... [...] Só que, detalhe,

23. Trata-se, na realidade, do salário-família.

se eu fizesse 15 reais de hora extra, eles cortavam o benefício... Pra quem compra [marca de leite em pó para recém-nascidos], dá para comprar uma lata. [...] Porque o leite seca rápido, da mulher, não pode amamentar, então é o leite indicado para recém-nascido. Está certo, melhor do que nada, vai, mas você faz uma hora extra, pra ajudar, e eles cortam auxílio família. **(I., 24 anos, preto, casado, desempregado, 1 filho de 4 anos, grupo 2)**

O debate se encerra, neste último tópico, com afirmações enfáticas sobre o reconhecimento da necessidade de que os pais se envolvam no cuidado com as crianças, visando a melhor articulação possível entre o trabalho e a família:

Mas a mudança, para ser geral, na verdade, tem que partir de nós, pais, sermos participativos. Têm pais que se abstem, não fazem nada. Em casa, não. Quando participamos, somos ativos, minha esposa é ativa. **(E., 38 anos, branco, casado, vendedor, 3 filhos, 12, 10 e 5 anos, grupo 2)**

A participação é muito importante. Estar sempre presente, é muito importante. Como ele falou, se o camarada está separado, ou casado, a presença é fundamental, do pai, e da mãe, estar participando da vida do filho, da filha, porque com certeza, o que você está plantando, agora, é o que (vai) refletir lá na frente. Se você ficar ausente, deixar ao deus-dará, amanhã, depois, daqui 15, 20 anos, você não vai poder abrir a boca para poder dizer nada. Porque o filho não vai aceitar. Vai falar, você sempre foi ausente, você nunca veio conversar comigo, saber se eu precisava de alguma coisa. Que você quer, agora? Vai exigir o que? [...] Tentar ser o mais presente possível, olha, vamos na escola, o que está acontecendo. Às vezes, você mora em prédio, ele não se dá com o amiguinho, o que está acontecendo? E participar. Isso que vai formar o caráter do cidadão. **(M., 37 anos, pardo, divorciado, segurança, com filhos de 10 e 4 anos, grupo 2)**

Considerações finais

Foi constatado, por meio de dados colhidos em nossa pesquisa anterior sobre o tema da articulação família e trabalho, com trabalhadoras de baixa renda, mães de filhos pequenos (BRUSCHINI, RICOLDI, 2008 e 2009), bem como através de dados do IBGE, que a participação dos homens nas atividades domésticas, a julgar por suas respostas, embora fique muito aquém da das mulheres – 45 a 50% eles, 90% elas – é relevante e deveria ser investigada. Foi o que fizemos nesta pesquisa, por meio de entrevistas e debates com grupos de 10 participantes, trabalhadores com idades entre 20 e 45 anos, renda familiar inferior a 5 salários mínimos, escolaridade até ensino médio completo, com filhos de idade inferior a 14 anos. Foram discutidas, tanto nas entrevistas quanto nos grupos, questões semelhantes às que foram discutidas na pesquisa anterior, versando sobre os seguintes tópicos: o “conceito” de afazeres domésticos; a divisão sexual e etária dos afazeres domésticos; o uso do tempo nos afazeres domésticos; estratégias de articulação da família com o trabalho e políticas sociais de apoio a essa articulação. Os resultados obtidos revelam algumas questões ainda desconhecidas na literatura sobre o tema, assim como outras que começam a ser desvendadas. No primeiro caso, merece ser assinalado o espanto demonstrado pelos participantes dos grupos com o tema a ser debatido – trabalho doméstico e cuidado com filhos – prova irrefutável do quanto, a princípio, se sentem distantes das questões que dizem respeito à esfera privada da família e da reprodução. Contudo, passada a surpresa e iniciado o debate, os homens revelaram preocupação e envolvimento considerável com a limpeza e a higiene da casa e com o cuidado dos filhos. Muitos deles afirmam que dividem tarefas, “vão fazendo” sempre que é necessário, e até chamam os filhos para aprender. Os depoimentos revelam um envolvimento inesperado, como “passar o pano na cozinha”, “levar os filhos na creche”, “conversar com a diretora da creche”. Além disso, segundo os participantes dos grupos, vários afirmam gastar 2 a 3 horas diárias nas tarefas domésticas, além de pelo menos um dia no final de semana para fazer ou ajudar a companheira a fazer a faxina no domicílio, reservando o outro dia para o lazer com os amigos ou com a família. Essas afirmações nos levam a crer que, na verdade, os homens participam mais e gastam mais tempo em tarefas domésticas e cuidado com os filhos do que pensavam, ao iniciar o debate²⁴. As estratégias de conciliação do trabalho com a família variam significativamente entre os grupos, em virtude dos horários de trabalho, flexíveis ou não, de cada um²⁵. No primeiro grupo, a conduta adotada é manter separadas as esferas do trabalho e da família, ao mesmo tempo em que os participantes aspiram a jornadas mais flexíveis, para dedicar mais tempo aos filhos.

24. Uma comprovação de tais afirmações só seria possível com a utilização da metodologia de observação participante, o que não era o objetivo da pesquisa. No entanto, podemos considerar que as falas masculinas representam, pelo menos, uma mudança de comportamento, senão de mentalidade, em relação ao tema pesquisado.

25. Vale lembrar que os grupos foram definidos em função dessa característica, ou seja, o grupo 1, formado por trabalhadores com carteira assinada e horário integral de trabalho, e o grupo 2, formado por autônomos, desempregados ou trabalhadores no mercado informal, todos com jornadas flexíveis de trabalho.

No segundo, os depoimentos revelam maior dedicação aos filhos, tendo em vista as jornadas mais flexíveis. Os homens, ao contrário das mulheres pesquisadas anteriormente, preocupam-se primordialmente com estratégias empresariais que visem à conciliação trabalho e família, como a flexibilização, enquanto alguns mencionam que as empresas não estão preparadas para as mudanças que estão ocorrendo nas famílias e nas relações entre os sexos, como, por exemplo, a não-autorização para a saída do trabalhador, a fim de levar o filho ao médico ou a ausência da referência a “homens com criança de colo” nas filas preferenciais dos bancos e outras instituições.

Da mesma forma que as mulheres, as creches são vistas pelos homens como uma política social importante para o cuidado das crianças. Porém, essa política continua associada ao trabalho feminino, por mais que alguns deles se envolvam com essa instituição. Outra política enfatizada foi a licença paternidade, que, segundo eles, deveria ser ampliada.

Nesse sentido, considerando mudanças nas famílias e no relacionamento entre os sexos, é importante que seja repensado, por parte dos gestores públicos, o desenho de políticas sociais, geralmente fundamentado sobre a figura da “mãe trabalhadora”, e não voltado para os trabalhadores com responsabilidades familiares, de modo geral. Esse conceito “trabalhadores com responsabilidades familiares” foi desenvolvido pela OIT, na Convenção 156, de 1981, que até hoje não foi assinada pelo Brasil. Esta convenção trata de políticas relativas à conciliação entre o trabalho e a família, levando em consideração trabalhadores e trabalhadoras com responsabilidades familiares. O documento afirma que as obrigações familiares dos trabalhadores abrangem não só o cuidado de crianças, mas também de outros membros das famílias que necessitem de cuidado ou apoio. A ideia que perpassa toda a Convenção é que se deve garantir aos trabalhadores o direito ao trabalho, sem que essas responsabilidades sejam um empecilho ou fonte de discriminação entre homens e mulheres²⁶.

À época, a convenção 156 não foi assinada pelo Brasil, sob o argumento de que a legislação interna do país não era compatível com a plena igualdade entre os sexos. Porém, tendo em vista que a Constituição de 1988 e o Código Civil de 2002 estabelecem a igualdade entre homens e mulheres, cabe encerrar este texto defendendo enfaticamente a revisão da posição do Estado Brasileiro em relação à convenção 156, incentivando o debate sobre a criação de uma política nacional de articulação entre as responsabilidades familiares e as profissionais.

26. Para maiores informações sobre a Convenção 156 e o desenvolvimento da noção de responsabilidades familiares pela OIT, ver Bruschini e Ricoldi (2008, p. 29-36), item 1.4.

Referências bibliográficas

ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S.; MEDRADO, B. (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. 2.ed. São Paulo, Editora 34: Ecos, 2001, p. 51-77.

ARILHA, M.; UNBEHAUM, S.; MEDRADO, B. (Org.). Introdução. In: _____. *Homens e masculinidades: outras palavras*. 2.ed. São Paulo: Editora 34; Ecos, 2001, p. 15-28.

BITTMAN, M. et al. When does gender trump money? Bargaining and time in household work. *American Journal of Sociology*, v. 109, n. 1, jul. 2003, p. 186-214.

BLY, R. *Iron man: a book about men*. New York: Vintage, 1990.

BRUSCHINI, C. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo: Vértice, FCC, 1990.

_____. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. *As novas fronteiras da desigualdade: mulheres e homens no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003, p. 323-361.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M. *Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras*. São Paulo: FCC, 2008 (Textos FCC, 28).

_____. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009, p. 93-123.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. Trabalho domiciliar masculino. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 363-392, jul./dez. 1995.

CALLIGARIS, C. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.

CARVALHO FILHO, B. J. O que está acontecendo com a gente, macho? (Notas para pensar a crise nas relações de gênero em Fortaleza). *O Público e o Privado*, n. 1, p. 139-154, jan./jun. 2002.

CONNEL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California, 1995.

DEDECCA, C. S. Tempo, trabalho e gênero. In: BEZERRA, M. E. et al. (Org.). *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*. São Paulo: CUT Brasil, 2004, p. 21-52.

- DINIZ, M. H. *Código Civil Anotado*. 10.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- FONSECA, C. A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Editora 34, 2002, p. 267-293.
- GILSON, V. *Histoire de la construction de la notion d' «Articulation entre sphere privée et sphere professionnelle» en France depuis les années 1970*. DEA. Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines, UFR des Sciences Sociales et des Humanités. 2002. 37 p.
- GORNICK, J.; MEYERS, M. *Families that work: policies for reconciling parenthood and employment*. New York: Russell Sage Foundation, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1992*. Rio de Janeiro, 1992.
- _____. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2005*. Rio de Janeiro, 2006.
- JUMP, T.; HAAS, L. Father in transition: dual-career fathers participating in child care. In: KIMMEL, M. (Ed.). *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. New York: Sage, 1987, p. 98-114.
- JUNTER-LOISEAU, A. La notion de conciliation de la vie professionnelle et de la vie familiale: révolution temporelle ou métaphore des discriminations? *Cahiers du Genre*, n. 24, p. 73-98, 1999.
- KAPPEL, D.; CARVALHO, M. C.; KRAMER, S. Perfil das crianças de 0 a 6 anos que frequentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 35-47, 2001.
- KERGOAT, D.; HIRATA, H. A Divisão sexual do trabalho revisitada. In: HIRATA, H.; MARUANI, M. *As Novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003, p. 111-123.
- KIMMEL, M. Rethinking “masculinity”: new directions in research. In: _____. (Ed.). *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. Newbury Park: Sage, 1987, p. 9-24.
- LAMB, M.; SAGI, A. Preface. In: _____. (Ed.). *Fatherhood and family policy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1983, p. 9-10.
- LEAL, O. F. Cultura reprodutiva e sexualidade. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 376-392, jul./dez. 1998.
- PINHEIRO, L. et al. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 3.ed. Brasília: IPEA; UNIFEM, 2008.
- PLECK, J. American fathering in historical perspective. In: KIMMEL, M. (Ed.). *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. Newbury Park: Sage, 1987, p. 83-97.

RICOLDI, A. M. A noção de articulação entre trabalho e família e políticas de apoio. *Mercado de Trabalho*. Brasília, n. 42, p. 37-43, fev. 2010.

SEGNINI, L. Constantes recomeços: desemprego no setor bancário. In: BRUSCHINI, C.; PINTO, C. R. *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo: Editora 34; FCC, 2001, p. 143-184.

SORJ, B. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: OLIVEIRA, S.; RECAMÁN, M.; VENTURI, G. (Org.). *A Mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 107-119.

SZALAI, A. *The use of time: daily activities of urban and suburban populations in twelve countries*. Paris: The Hague; Mouton & Co., 1972.

THURLER, A. L. Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI? *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 21, n. 3, p. 683-709, 2006.

WELZER-LANG, D. Os Homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M. R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, p. 107-128.

Bibliografia consultada

ÁVILA, M. B. et al (Org.). *Reflexões feministas: sobre informalidade e trabalho doméstico*. Recife: SOS Corpo, 2008.

BRUCE, J. et al. *Families in focus: new perspectives on mothers, fathers, and children*. New York: The Population Council, 1995.

DOSSIÊ Paternidade e Cidadania. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 3, set./dez. 2006.

FULLER, N. *Masculinidades: cambios y permanências*. Lima: Fondo Editorial, 2001.

GARCIA, S. *Homens na intimidade: masculinidades contemporâneas*. Ribeirão Preto: Holos, 2006.

LAMB, M. *Non-traditional families: parenting and child development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1982.

_____. *The father's role: applied perspectives*. New York: John Wiley and Sons, 1986.

LIMA, M. E. B. et al. *Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade*. Salvador: CUT, 2007.

OLIVEIRA, P. P. *A Construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SCHPUN, M. R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

SCOTT, P. O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*, n. 73, p. 38-47, maio 1990.

SILVEIRA, M. L.; TITO, N. *Trabalho doméstico e de cuidados: por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana*. São Paulo: SOF, 2008.

ANEXOS 1 - ROTEIRO DE PERGUNTAS - GRUPOS FOCAIS

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DAS MEDIADORAS

- Apresentação da Pesquisa:
“Estamos fazendo uma pesquisa sobre a relação do trabalho com a família quando nelas há filhos pequenos. Nós os convidamos para ouvi-los sobre o dia a dia de homens que trabalham, têm filhos e cujas companheiras têm uma atividade remunerada. Queremos saber o que os homens pensam sobre o assunto, e o que acham que é preciso fazer para facilitar a vida de quem trabalha e tem filhos. Agradecemos a presença de todos vocês.”

Apresentação dos mediadores: Cristina, Arlene e Cristiano.

Como vai funcionar o grupo:

- todos podem falar e devem sentir-se à vontade para falar o que quiserem;
- a discussão será anotada e gravada, mas garantimos o sigilo na divulgação das informações (o objetivo da gravação é apenas para facilitar nossa análise);
- a discussão deverá durar no máximo duas horas;
- perguntar se têm alguma dúvida;
- fazer uma breve apresentação de todos eles: rapidamente, dizer nome;
 - descrever família, pessoas que moram na casa, filhos (idade dos filhos), idosos, doentes; descrever trabalho remunerado que tem ou faz e o da companheira e/ou outros moradores, quando houver;
- iniciar a discussão.

QUESTÕES

- O que é, para você, trabalho doméstico?
- Segundo você, quais as atividades que fazem parte do que chamamos de “trabalho doméstico”? (se não mencionarem, lembrar cuidados com doentes, idosos, com alguma deficiência etc.).
- Quem cuida dessas tarefas na casa de vocês? Vocês e suas companheiras dividem? Os filhos participam? Parentes ajudam?
- Há alguma preferência na execução dessas tarefas?
- Existem tarefas domésticas que só você faz?

- Existe alguma tarefa que você não realiza? E por quê?
- Quais tarefas você realiza com frequência:
 - Limpar a casa
 - Preparar comida
 - Lavar e passar roupas
 - Fazer compras
 - Administrar o dinheiro da casa
 - Consertos e reparos no domicílio
 - Cuidar das crianças pequenas
 - Dar banho
 - Vestir
 - Trocar fraldas
 - Dar comida
 - Colocar as crianças para dormir
 - Levar as crianças ao médico
 - Ajudar com os deveres escolares
 - Contar histórias
 - Levar a festinhas
- Quem tem conversas sobre o que é “certo” e “errado”? Quem disciplina as crianças (dá castigos, broncas) quando elas fazem algo considerado errado?
- Quanto tempo, aproximadamente, você gasta por semana para fazer essas tarefas? E as outras pessoas que as fazem?
- As responsabilidades com a família, na sua experiência, interferem na sua vida profissional? Como você faz para conciliar as duas coisas? (Você já saiu do trabalho para levar os filhos ao médico, dentista? Quem socorre quando a escola solicita? Quem vai às reuniões de escola?)
- Você gozou de licença-paternidade? Quantas vezes? O que achou da experiência (foi positiva/negativa)? Acredita que a licença atual, de 5 dias é suficiente? Qual a sua sugestão?
- Com quem ficam os filhos quando vocês vão trabalhar?
- (Para quem tiver filhos com menos de seis anos) Utiliza creche ou outro tipo de solução para cuidar de filhos pequenos? Pública ou privada? Qual o horário?
- Quem leva e busca as crianças na creche?
- A empresa na qual trabalha tem creche ou paga auxílio-creche?
- Se não utiliza creche, qual o arranjo utilizado para cuidar de filhos pequenos enquanto vão para o trabalho?
- Está satisfeito com a solução utilizada? Quais as qualidades e os defeitos das creches que vocês usam?
- No caso de filhos em idade escolar, qual o horário da escola? Se for parcial, com quem ficam os filhos no outro período?
- Recorrem a algum outro tipo de serviço (ONG, igreja, clube de mães)?

- Há alguém que é chefe de família sem companheira? Nesse caso, como faz para lidar com o trabalho, a casa e os filhos?
- Vocês recebem alguma ajuda do governo, através de programas sociais (Bolsa-Família; Leve-leite etc.)? Já ouviram falar? Já procuraram se informar a respeito?
- Vocês e/ou suas esposas recebem algum tipo de benefício da empresa na qual trabalham?
- O que você acha que poderia facilitar a participação dos pais no cuidado com as crianças e a família em geral (empresas, governo etc.)?
- Como vocês se sentem, como homem, marido e pai, por fazer trabalho doméstico e cuidar dos filhos junto com a sua esposa?
- Vocês gostariam de falar mais alguma coisa sobre esse tema?

ANEXO 2 - TABELAS

Tabela 1 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo, Brasil, 2002 e 2006

Sexo	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?*"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos**	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?*"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos**
Feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

* A questão número 121 é: na semana de (período de referência anterior à pesquisa), o/a sr/a cuidava dos afazeres domésticos?

** A questão número 121a é: quantas horas... dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos?

Tabela 2 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e a faixa etária. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Faixa Etária	2002					2006				
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"
Masculino										
10 a 14 anos	8.338.129	3.392.497	40,7	8,9	9.014.664	4.102.150	45,5	7,5	9.014.664	4.102.150
15 a 19 anos	8.647.085	3.590.003	41,5	9,8	8.739.209	4.185.452	47,9	9,0	8.739.209	4.185.452
20 a 24 anos	8.091.394	3.235.426	40,0	9,8	8.549.894	3.904.822	45,7	9,2	8.549.894	3.904.822
25 a 29 anos	6.657.907	3.039.942	45,7	10,1	7.729.981	4.059.574	52,5	9,6	7.729.981	4.059.574
30 a 39 anos	12.273.076	5.988.413	48,8	10,5	13.230.769	7.359.800	55,6	9,9	13.230.769	7.359.800
40 a 49 anos	9.951.022	4.702.981	47,3	10,4	11.379.269	6.254.038	55,0	10,2	11.379.269	6.254.038
50 a 59 anos	6.656.924	3.117.757	46,8	11,8	8.273.024	4.493.184	54,3	10,9	8.273.024	4.493.184
60 anos ou mais	7.051.743	3.179.756	45,1	14,0	8.405.744	4.348.654	51,7	13,1	8.405.744	4.348.654
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0	75.322.554	38.707.674
Feminino										
10 a 14 anos	8.229.653	6.351.099	77,2	14,2	8.682.851	6.780.576	78,1	11,7	8.682.851	6.780.576
15 a 19 anos	8.509.932	7.356.748	86,4	20,1	8.694.794	7.531.628	86,6	17,8	8.694.794	7.531.628
20 a 24 anos	8.204.018	7.170.635	87,4	25,0	8.725.209	7.645.488	87,6	22,4	8.725.209	7.645.488
25 a 29 anos	7.148.152	6.571.568	91,9	28,7	8.091.360	7.396.241	91,4	25,4	8.091.360	7.396.241
30 a 39 anos	13.240.847	12.547.427	94,8	29,9	14.347.497	13.609.188	94,9	27,3	14.347.497	13.609.188
40 a 49 anos	11.017.120	10.495.206	95,3	30,8	12.622.114	12.038.791	95,4	28,2	12.622.114	12.038.791
50 a 59 anos	7.336.193	7.004.206	95,5	32,9	9.119.327	8.742.056	95,9	29,9	9.119.327	8.742.056
60 anos ou mais	8.969.633	7.807.943	87,0	30,6	10.671.603	9.253.235	86,7	28,5	10.671.603	9.253.235
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8	80.954.755	72.997.203
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7	156.277.309	111.704.877

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 3 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e raça/cor. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Raça/Cor	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos
Masculino								
Indígena	114.042	55.556	48,7	12,0	199.834	123.781	61,9	11,3
Branca	35.624.117	16.027.341	45,0	10,4	36.946.331	18.932.682	51,2	9,8
Pretas/pardas	31.618.008	14.009.012	44,3	10,9	37.783.624	19.436.847	51,4	10,2
Amarela	305.213	152.766	50,1	9,7	391.300	213.783	54,6	10,0
Ignorada	5.900	2.100	35,6	8,6	1.465	581	39,7	10,0
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0
Feminino								
Indígena	146.521	133.309	91,0	27,1	241.697	225.393	93,3	25,0
Branca	40.029.646	35.497.953	88,7	27,0	41.645.423	36.994.074	88,8	24,5
Pretas/pardas	32.127.297	29.374.332	91,4	27,4	38.614.127	35.382.624	91,6	25,1
Amarela	347.535	295.018	84,9	25,4	451.912	393.516	87,1	23,8
Ignorada	4.549	4.220	92,8	25,8	1.596	1.596	100,0	17,6
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 4 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e a faixa de anos de estudo. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Faixa de anos de estudo	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos
Masculino								
Sem instrução e menos de 1 ano	8.117.465	3.147.143	38,8	12,2	7.671.269	3.551.175	46,3	11,5
de 1 a 4 anos	20.709.782	8.734.723	42,2	10,7	20.718.462	10.134.235	48,9	10,1
de 5 a 8 anos	19.405.536	9.011.719	46,4	10,6	21.118.475	11.198.524	53,0	9,9
de 9 a 11 anos	13.828.939	6.617.623	47,9	10,4	18.568.050	9.969.447	53,7	9,9
12 anos e mais	5.191.574	2.515.970	48,5	9,1	6.954.534	3.677.707	52,9	8,9
Não determinado e sem declaração	413.984	219.597	53,0	10,6	291.764	176.586	60,5	10,2
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0
Feminino								
Sem instrução e menos de 1 ano	8.509.857	7.502.383	88,2	31,1	8.193.114	7.147.084	87,2	28,9
de 1 a 4 anos	20.696.137	18.766.488	90,7	28,9	20.299.778	18.345.284	90,4	26,5
de 5 a 8 anos	20.174.293	18.566.185	92,0	27,2	21.433.510	19.797.499	92,4	24,7
de 9 a 11 anos	16.368.211	14.797.835	90,4	25,4	21.737.397	19.931.868	91,7	24,0
12 anos e mais	6.458.726	5.250.893	81,3	20,0	8.959.058	7.459.082	83,3	19,1
Não determinado e sem declaração	448.324	421.048	93,9	27,0	331.898	316.386	95,3	26,2
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 5 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e a faixa de rendimento do trabalho principal. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Faixa de rendimento do trabalho principal	2002					2006				
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos		
Masculino										
Sem rendimento até 1 SM	14.949.964	6.486.073	43,4	10,3	18.174.511	9.411.263	51,8	9,9		
Mais de 1 a 3 SM	18.914.968	8.480.075	44,8	9,9	22.547.195	11.897.041	52,8	9,3		
Mais de 3 a 5 SM	5.416.226	2.582.122	47,7	9,4	4.366.505	2.369.065	54,3	8,8		
Mais de 5 a 10 SM	3.749.467	1.771.348	47,2	8,6	3.734.069	1.988.928	53,3	8,1		
Mais de 10 e rend. ignorado	2.838.701	1.215.235	42,8	7,8	2.576.789	1.212.496	47,1	7,7		
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0		
Feminino										
Sem rendimento até 1 SM	15.915.054	14.933.925	93,8	26,1	19.753.700	18.650.892	94,4	24,3		
Mais de 1 a 3 SM	11.326.904	10.203.031	90,1	20,5	13.408.910	12.172.594	90,8	19,1		
Mais de 3 a 5 SM	2.322.265	2.010.538	86,6	18,8	2.095.133	1.847.830	88,2	17,6		
Mais de 5 a 10 SM	1.693.487	1.419.606	83,8	17,5	1.674.381	1.397.448	83,5	15,3		
Mais de 10 e rend. ignorado	1.040.180	800.346	76,9	16,7	986.266	785.501	79,6	15,8		
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8		
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7		

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 6 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e a condição na família*. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Condição na Família	2002					2006				
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos		
Masculino										
Pessoa de referência	36.942.155	18.458.779	50,0	11,2	40.570.605	23.348.429	57,6	10,6		
Cônjuge	1.690.086	746.276	44,2	11,7	3.177.743	1.555.961	49,0	10,7		
Filho	25.256.732	9.495.486	37,6	9,4	27.193.507	11.777.566	43,3	8,6		
Outro parente	3.423.098	1.349.405	39,4	10,6	3.914.076	1.743.964	44,6	9,7		
Agregado	231.257	119.745	51,8	12,1	304.721	152.240	50,0	9,9		
Pensionista	104.971	66.987	63,8	10,1	145.912	118.197	81,0	8,1		
Empregado doméstico	17.321	9.388	54,2	20,3	11.845	10.881	91,9	16,6		
Parente do empregado doméstico	1.660	709	42,7	10,9	4.145	436	10,5	10,0		
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0		
Feminino										
Pessoa de referência	14.657.085	13.517.259	92,2	26,7	18.562.273	17.262.504	93,0	25,1		
Cônjuge	32.770.549	31.890.064	97,3	33,4	35.212.326	34.240.961	97,2	30,5		
Filho	20.398.854	16.192.027	79,4	16,6	21.791.565	17.356.481	79,6	14,6		
Outro parente	4.130.615	3.157.993	76,5	21,3	4.730.328	3.591.747	75,9	19,3		
Agregado	290.248	253.092	87,2	20,0	288.847	246.465	85,3	18,4		
Pensionista	83.627	70.873	84,7	13,8	101.866	88.384	86,8	11,7		
Empregado doméstico	321.717	221.869	69,0	25,2	266.570	210.262	78,9	24,7		
Parente do empregado doméstico	2.853	1.655	58,0	19,3	980	399	40,7	12,0		
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8		
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7		

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

* Dentro de cada família as pessoas foram classificadas, na PNAD, em função da relação com a pessoa de referência ou com o seu cônjuge, de acordo com as seguintes definições: Pessoa de referência - pessoa responsável pela família ou que assim fosse considerada pelos demais membros; Cônjuge - pessoa que vivia conjugalmente com a pessoa de referência da família, existindo ou não o vínculo matrimonial; Filho - pessoa que era filho, enteado, filho adotivo ou de criação da pessoa de referência da família ou do seu cônjuge; Outro parente - pessoa que tinha qualquer outro grau de parentesco com a pessoa de referência da família ou com o seu cônjuge; Agregado - pessoa que não era parente da pessoa de referência da família nem do seu cônjuge e pagava hospedagem ou alimentação; Pensionista - pessoa que não era parente da pessoa de referência da família nem do seu cônjuge e pagava hospedagem ou alimentação; Empregado doméstico - pessoa que prestava serviço doméstico remunerado em dinheiro ou somente em benefícios a membro(s) da família; Parente do empregado doméstico - pessoa que era parente do empregado doméstico e não prestava serviço doméstico remunerado a membro(s) da família.

Tabela 7 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por mulheres, segundo a presença de filhos. Brasil, 2002 e 2006

	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos
Existência de filhos								
Mulheres que tiveram filhos	45.282.949	42.867.989	94,7	31,9	51.141.517	48.410.471	94,7	29,2
Mulheres que não tiveram filhos	27.362.139	22.430.992	82,0	18,2	29.799.826	24.575.764	82,5	16,2
Total Feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 8 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por mulheres que tiveram filhos, segundo a faixa etária do último filho vivo. Brasil, 2002 e 2006

Faixa etária do último filho vivo	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos
Até 2 anos	7.195.774	6.977.159	97,0	34,7	7.189.963	6.964.582	96,9	31,7
Mais de 2 a 4 anos	4.207.731	4.051.292	96,3	32,1	4.129.162	3.995.178	96,8	29,3
Mais de 4 a 5 anos	1.773.468	1.713.775	96,6	31,4	1.783.171	1.716.039	96,2	29,2
Mais de 5 a 6 anos	1.653.233	1.584.345	95,8	30,9	1.857.249	1.786.815	96,2	28,6
Mais de 6 a 7 anos	1.521.830	1.465.678	96,3	31,9	1.753.704	1.690.775	96,4	27,9
Mais de 7 a 14 anos	8.993.667	8.650.685	96,2	30,9	10.214.537	9.847.066	96,4	28,1
Mais de 14 anos	19.004.977	17.644.232	92,8	31,7	23.300.666	21.648.799	92,9	29,1
Ignorado	932.269	780.823	83,8	27,6	913.065	761.217	83,4	26,0
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 9 - Total, porcentagem e média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos ou mais, segundo o sexo e a condição de ocupação*. Brasil, 2002 e 2006

Sexo e Condição de Ocupação	2002				2006			
	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Total das pessoas que responderam à questão "cuidava de afazeres domésticos?"	Total das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Porcentagem das pessoas que responderam SIM à pergunta "cuidava de afazeres domésticos?"	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos
Masculino								
Ocupadas	45.869.326	20.534.853	44,8	9,7	51.399.069	26.878.793	52,3	9,3
Desocupadas	3.647.018	2.115.238	58,0	13,6	3.509.880	2.176.081	62,0	13,1
Total masculino	67.667.280	30.246.775	44,7	10,6	75.322.554	38.707.674	51,4	10,0
Feminino								
Ocupadas	32.297.890	29.367.446	90,9	23,0	37.918.390	34.854.265	91,9	21,6
Desocupadas	4.229.005	4.078.893	96,5	30,8	4.700.347	4.513.829	96,0	28,4
Total feminino	72.655.548	65.304.832	89,9	27,2	80.954.755	72.997.203	90,2	24,8
Total	140.322.828	95.551.607	68,1	21,9	156.277.309	111.704.877	71,5	19,7

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

* Quanto à condição de ocupação, as pessoas estão classificadas, na PNAD, em ocupadas e desocupadas. Por ocupadas, entende-se as pessoas que tinham trabalho durante todo ou parte do período de referência especificado pela pesquisa (semana de referência ou período de referência de 365 dias). Inclui-se, ainda, como ocupadas as pessoas que não exerceram trabalho remunerado por motivo de férias, licença, greve etc. Por sua vez, as pessoas desocupadas são caracterizadas como sendo aquelas que não estavam trabalhando no período de referência especificado, mas que haviam procurado trabalho no decorrer deste período.

Tabela 10 - Frequência a creche ou pré-escola, segundo a idade das crianças e rede de ensino, Brasil, 2002 e 2006

Faixa etária infantil	2002										2006									
	Total de crianças de até 6 anos		Frequentam creche ou pré-escola*		Rede de ensino				Total de crianças de até 6 anos		Frequentam creche ou pré-escola		Rede de ensino							
			N	%	Pública		Particular				N	%	Pública		Particular					
	N	%			N	%	N	%	N	%										
0 a 3 anos	11.811.025	1.372.742	11,6	722.746	52,6	649.996	47,4	11.268.827	1.741.755	15,5	1.005.796	57,7	735.959	42,3						
4 anos	3.159.578	1.450.379	45,9	877.587	60,5	572.792	39,5	2.941.305	1.683.143	57,2	1.087.940	64,6	594.985	35,3						
5 anos	3.189.488	2.145.243	67,3	1.536.185	71,6	609.058	28,4	3.086.414	2.390.350	77,4	1.767.527	73,9	622.241	26,0						
6 anos	3.310.631	2.866.984	86,6	2.267.347	79,1	599.637	20,9	3.365.456	3.067.149	91,1	2.439.302	79,5	627.265	20,5						
Total	21.470.722	7.835.348	36,5	5.403.865	69,0	2.431.483	31,0	20.662.002	8.882.397	43,0	6.300.565	70,9	2.580.450	29,1						

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

* Excluídos os da rede de ensino "outra", PNAD2002.

Tabela 11 - Empregados ou trabalhadores domésticos que receberam o auxílio para educação ou creche como remuneração do trabalho, segundo o sexo e a posição na ocupação. Brasil, 2002 e 2006

Posição na ocupação	2002				2006			
	Recebeu auxílio para educação ou creche		Total*		Recebeu auxílio para educação ou creche		Total*	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Mulheres								
Empregado com carteira	302.511	59,3	8.091.727	64,9	377.224	64,9	10.289.736	
Militar	621	0,1	3.817	0,2	1.358	0,2	8.672	
Funcionário público estatutário	89.714	17,6	2.778.868	16,6	96.306	16,6	3.258.963	
Outros empregados sem carteira	56.584	11,1	4.300.632	10,3	59.853	10,3	5.146.066	
Empregados sem declaração de carteira	–	–	566	–	9.877	1,7	1.657.750	
Trabalhador doméstico com carteira	20.172	4,0	1.387.732	6,2	36.178	6,2	4.662.936	
Trabalhador doméstico sem carteira	40.521	7,9	4.229.488	–	–	–	582	
Total	510.123	100,0	20.792.830	100,0	580.796	100,0	25.024.705	
Homens								
Empregado com carteira	425.207	71,1	14.840.623	72,0	527.958	72,0	18.052.685	
Militar	31.479	5,3	208.433	4,1	29.698	4,1	263.234	
Funcionário público estatutário	76.725	12,8	1.999.983	14,1	103.169	14,1	2.370.580	
Outros empregados sem carteira	59.594	10,0	10.178.414	9,6	70.508	9,6	10.663.260	
Empregados sem declaração de carteira	–	–	1.699	–	–	–	–	
Trabalhador doméstico com carteira	1.595	0,3	171.238	0,1	1.058	0,1	183.502	
Trabalhador doméstico sem carteira	3.160	0,5	256.994	0,1	564	0,1	276.541	
Total	597.760	100,0	27.657.384	100,0	732.955	100,0	31.809.802	

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

* excluídos os ignorados.

Tabela 12 - Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos, segundo o sexo e a posição em ocupações selecionadas. Brasil, 2006

Sexo e posição na ocupação	2006	
	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	Cuidavam de afazeres domésticos (N)
Masculino		
Empregado com carteira	8,9	9.557.246
Empregado sem carteira	9,4	5.218.389
Trabalhador doméstico com carteira	10,7	115.610
Trabalhador doméstico sem carteira	12,1	173.517
Funcionário público estatutário	9,7	1.384.493
Conta própria	9,9	6.849.955
Empregador	7,5	1.258.733
População brasileira masculina ocupada	9,3	26.878.793
Feminino		
Empregado com carteira	17,3	9.039.369
Empregado sem carteira	19,4	4.605.141
Trabalhador doméstico com carteira	19,2	1.542.400
Trabalhador doméstico sem carteira	22,6	4.341.750
Funcionário público estatutário	20,4	2.966.497
Conta própria	25,6	5.867.947
Empregador	17,2	900.422
População brasileira feminina ocupada	21,6	34.854.265

Fonte: FIBGE, PNAD microdados.

Tabela 13 - Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por mulheres de 10 anos e mais com filhos/as moradores no domicílio. Brasil, 2002 e 2006

	2002	2006
Número de filhos/as moradores no domicílio	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos pelas mulheres	Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos pelas mulheres
1 filho	30,1	27,8
2 filhos	33,1	30,4
3 filhos	34,5	31,3
4 a 8 filhos	35,7	33,1
9 a 13 filhos	37,7	32,6

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

Tabela 14 - Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por sexo do empregador, de acordo com o número de empregadas domésticas que residiam no seu domicílio. Brasil, 2002 e 2006

	2002		2006	
	Número médio de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos		Número médio de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Número de empregadas domésticas moradoras no domicílio onde trabalham				
Domicílios sem empregada doméstica	27,2	10,6	25,1	10,7
Domicílios com 1 empregada doméstica	18,8	8,0	18,6	6,3
Domicílios com 2 empregadas domésticas	15,4	5,1	7,3	5,1
Domicílios com 3 empregadas domésticas	8,0	–	–	–

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

Tabela 15 - Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por pessoas de 10 anos e mais, segundo sexo, condição na família e a posse de alguns eletrodomésticos selecionados. Brasil, 2002 e 2006

Condição na família	2002		2006	
	Número médio semanal de horas		Número médio semanal de horas	
	Possui todos	Não possui nenhum	Possui todos	Não possui nenhum
Mulheres	25,1	28	23,4	25,8
Pessoa de referência	26,2	26,5	23,7	25,4
Cônjuge	30,7	34,5	28,7	31,6
Filho	13,9	18,1	12,6	16,7
Outro parente	21,1	21,1	19,3	18
Homens	9,5	11,4	9,2	10,9
Pessoa de referência	10	12,3	9,7	11,6
Cônjuge	11,1	12,5	10,2	11,6
Filho	8,3	9,8	7,6	9,6
Outro parente	9,1	11,2	9	9,8

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

Tabela 16 - Média de horas semanais dedicadas à produção e à reprodução, segundo o sexo. Brasil, 2002 e 2006

		2002		2006		
		Produção		Reprodução		
Tempo de percurso médio de ida da residência para o local de trabalho*	Média (A)	Nº médio de horas trabalhadas	Total	Nº médio de horas dedicadas aos afazeres domésticos	Tempo total gasto em atividades de produção e reprodução	Total**
MULHERES						
1,25		37,0	38,2	21,1	59,3	14.830.165
2,5		39,0	41,5	20,1	61,6	4.279.443
5		39,4	44,4	20,3	64,7	1.305.495
10		37,9	47,9	20,8	68,7	172.692
4,7		38,3	43,0	20,6	63,6	20.587.795
HOMENS						
1,25		43,5	44,7	9,4	54,1	10.677.393
2,5		43,6	46,1	9,9	56,0	3.625.246
5		44,5	49,5	9,7	59,2	1.221.830
10		45,9	55,9	9,4	65,3	295.541
4,7		44,3	49,0	9,6	58,6	15.820.010
MULHERES						
1,25		36,8	38,1	20,0	58,1	17.796.337
2,5		38,5	41,0	19,1	60,2	5.013.559
5		39,1	44,1	18,6	62,7	1.721.714
10		38,5	48,5	20,8	69,3	252.380
4,7		37,3	42,0	19,7	61,7	24.783.990
HOMENS						
1,25		42,7	44,0	9,1	53,1	13.978.184
2,5		42,9	45,4	9,5	55,0	4.694.186
5		43,6	48,6	9,6	58,2	1.650.825
10		44,6	54,6	9,4	64,0	389.300
4,7		42,9	47,6	9,3	56,9	20.712.495

Fonte: FIBGE, PNAD-microdados.

* O tempo de percurso médio semanal de ida da residência para o local de trabalho foi conseguido com base no cálculo da metade dos valores finais de tempo de percurso diário de ida da residência para o local de trabalho, presentes em quatro categorias pertencentes à variável 9057 (PNADs 2002 e 2006), quais sejam: "até 30 minutos", "mais de 30 min até 1h", "mais de 1h até 2h" e "mais de 2h" (para esta última categoria foi considerado, arbitrariamente, um valor diário final correspondente a 4h). Em seguida, para que os valores médios diários encontrados passassem a representar valores médios semanais, cada deles foi multiplicado por 5 (5 dias úteis de trabalho).

** Total de pessoas ocupadas que iam direto da residência para o local de trabalho e cuidavam de afazeres domésticos.

Coleção Textos FCC

Volume	Autor(es)	Publicação
1 Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta: algumas comparações regionais	<i>Cristina Bruschini</i>	Jan.1989
2 A imagem da mulher no livro didático: estado da arte	<i>Esmeralda Vailati Negrão; Tina Amado</i>	Fev.1989
3 Saúde da mulher no Brasil: bibliografia anotada	<i>Tina Amado (coord.)</i>	Mar.1989
4 Egressos do ensino técnico industrial no Brasil: um estudo de caso	<i>Maria Laura P. B Franco; Annete Serber</i>	Fev.1990
5 De olho no preconceito: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças	<i>Esmeralda Vailati Negrão; Regina Pahim Pinto</i>	Ago.1990
6 A rede de creches no município de São Paulo	<i>Fúlvia Rosemberg; Maria Malta Campos; Lenira Haddad</i>	Fev.1991
7 Novas tecnologias no binômio modernidade e crise	<i>Maria Laura P. B Franco; Dagmar Zibas; Miguel Henrique Russo</i>	Jan.1992
8 A formação do educador de creche: sugestões e propostas curriculares	<i>Fúlvia Rosemberg; Maria Malta Campos; Cláudia Pereira Vianna</i>	Ago.1992
9 A importância da participação comunitária na questão da educação e da pobreza	<i>Regina Pahim Pinto (coord.); Marta Wolak Grosbaum (coord.)</i>	Fev.1995
10 As propostas curriculares oficiais	<i>Elba S. de Sá Barretto (coord.)</i>	Ago.1995
11 Diagnóstico, problematização e aspectos conceituais sobre a formação do magistério: subsídio para o delineamento de políticas na área	<i>Bernardete A.Gatti</i>	Fev.1996
12 Diagnóstico quantitativo do Ensino Médio no Brasil	<i>Dagmar Zibas; Maria Laura P. B. Franco</i>	Fev.1997
13 Criança pequena e raça na PNAD 87	<i>Fúlvia Rosemberg; Regina Pahim Pinto</i>	Mai 1997
14 Regulamentação da qualificação profissional do educador infantil: a experiência de Belo Horizonte	<i>Maria Malta Campos; Fúlvia Rosemberg; Isabel Morsolotto Ferreira; Moisés Kuhlmann Jr.; Maria Lúcia de Alcântara Machado</i>	Ago.1997
15 Transformações no setor secundário da economia e o desafio do Ensino Médio	<i>Dagmar Zibas; Miguel Henrique Russo</i>	Out.1997
16 Resumos analíticos em educação	<i>Elba S. de Sá Barretto (coord.)</i>	Nov.1997
17 Trabalho das mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995	<i>Cristina Bruschini</i>	Fev.1998
18 O Ensino Médio no Brasil neste final do século: uma análise de indicadores	<i>Dagmar Zibas; Maria Laura P. B Franco</i>	Fev.1999
19 Educação Infantil em tempos de LDB	<i>Maria Lúcia de Alcantara Machado (org.)</i>	Ago.2000
20 O Ensino Médio na voz de alguns de seus atores	<i>Dagmar Zibas</i>	Out.2001
21 Consulta sobre qualidade da educação na escola	<i>Maria Malta Campos</i>	Ago.2002
22 A qualificação como construção social: estudo de alguns de seus aspectos em uma indústria de ponta	<i>Celso João Ferretti (coord.); Dagmar Zibas; Gisela Lobo B. P.Tartuce; João dos Reis Silva Jr.</i>	Nov.2002
23 Avaliações nacionais em larga escala: análises e propostas	<i>Heraldo Marelim Vianna</i>	Fev.2003
24 Representações midiáticas: um estudo sobre o Exame Nacional do Ensino Médio	<i>Zélia Heringer de Moraes</i>	Dez.2003
25 O protagonismo de alunos e pais no Ensino Médio	<i>Dagmar Zibas; Celso João Ferretti; Gisela Lobo B. P.Tartuce</i>	Out.2004
26 Consulta sobre qualidade da educação infantil: relatório técnico final	<i>Maria Malta Campos; Rita de Cássia Coelho; Silvia Helena Vieira Cruz</i>	Ago.2006
27 O ensino técnico a partir da década de 1990: a experiência cearense	<i>Dagmar Zibas</i>	Out.2007
28 Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras	<i>Cristina Bruschini; Arlene Martinez Ricoldi</i>	Ago.2008
29 Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas	<i>Bernardete A. Gatti; Marina Muniz R. Nunes (orgs.)</i>	Mar.2009
30 As mulheres nas Forças Armadas brasileiras: a Marinha do Brasil 1980-2008	<i>Maria Rosa Lombardi; Cristina Bruschini; Cristiano M. Mercado</i>	Mai 2009

Para aquisição de títulos, consulte:

Biblioteca Ana Maria Poppovic
 Av. Prof. Francisco Morato, 1565 - 05513-900 São Paulo - SP
 Fone: (0xx11) 3723-3083 / (0xx11) 3723-3084 - Fax: (0xx11) 3721-2092
 Email: mjsouza@fcc.org.br, vriquena@fcc.org.br ou holiveira@fcc.org.br

Versão integral para download:

www.fcc.org.br

Impresso em outubro de 2010
pela Gráfica da Fundação Carlos Chagas